EDIÇÕES «OCIDENTE»

CULTURA LITERÁRIA

ESTUDOS DIVERSOS

SÉRIE A

AUBREY F. G. BELL

UM HUMANISTA PORTUGUÊS

DAMIÃO DE GÓIS

DAMIANVS A GOES

TRADUÇÃO DO INGLÊS POR *António Alvaro Dória*, SEGUIDA DAS *CARTAS PORTUGUESAS* DE DAMIÃO DE GÓIS

EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. • LISBOA • 1942

UM HUMANISTA PORTUGUÊS
DAMIÃO DE GÓIS

NOVAS EDIÇÕES «OCIDENTE»

CULTURA LITERARIA

ESTUDOS CAMONIANOS

TEATRO CAMONIANO — 1) ENFATRIÕES — Prefácio e Notas de *Vieira de Almeida.*

ESTUDOS VICENTINOS

OBRAS COMPLETAS DE GIL VICENTE — 1) O VELHO DA HORTA — Prefácio e Notas de *João de Almeida Lucas.* (No prelo)

ESTUDOS DIVERSOS

«A EXPRESSÃO DA LIBERDADE EM ANTERO E OS VENCIDOS DA VIDA» — por *Feliciano Ramos.*

FLORILÉGIO DAS POESIAS PORTUGUESAS ESCRITAS EM CASTELHANO E RESTITUÍDAS À LÍNGUA NACIONAL por *João de Castro Osório.*

UM HUMANISTA PORTUGUÊS — DAMIÃO DE GÓIS — por *Aubrey F. G. Bell.* Tradução de *A. A. Dória,* seguida das CARTAS PORTUGUESAS de Damião de Góis.

EDIÇÕES «OCIDENTE»

CULTURA LITERÁRIA

ESTUDOS DIVERSOS

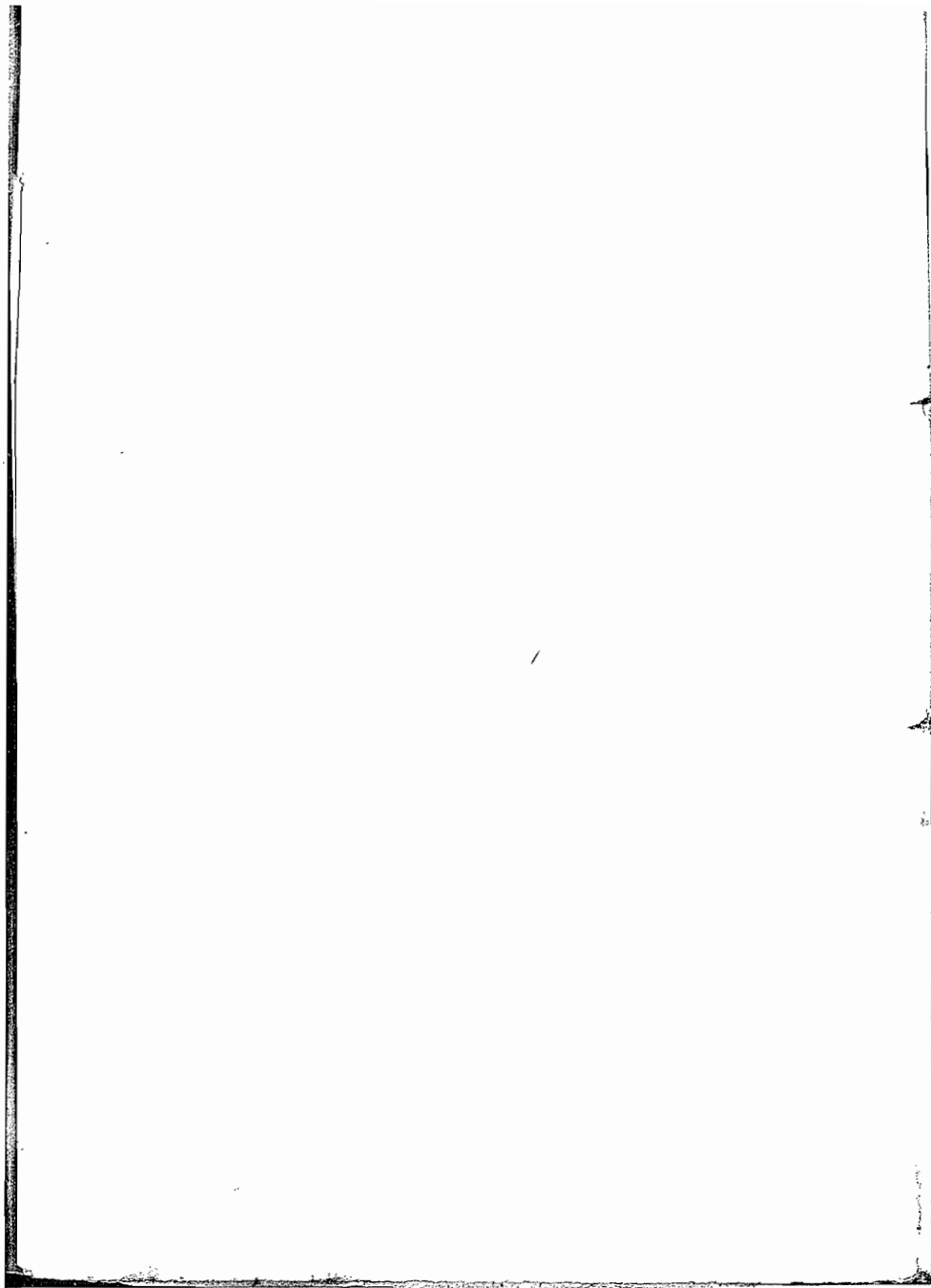
SÉRIE A

AUBREY F. G. BELL

UM HUMANISTA PORTUGUÊS
DAMIÃO DE GÓIS

DAMIANVS A GOES.

TRADUÇÃO DO INGLÊS POR *António Alvaro Dória*, SEGUIDA DAS *CARTAS PORTUGUESAS* DE DAMIÃO DE GÓIS

EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. • *LISBOA* • *1942*

PREFÁCIO

DEPOIS DE FERNÃO LOPES, *de D. Jerónimo Osório, de Luís de Camões e de Gil Vicente, chegou a vez de o snr. Aubrey Bell se ocupar de uma das figuras mais curiosas da nossa literatura — Damião de Góis. O presente estudo foi traduzido quando o original inglês se encontrava ainda inédito e o Autor vivia em Portugal. Depois o snr. Bell fixou residência no Canadá e publicou na* «Hispanic Review» *êste ensaio, de modo que a tradução portuguesa vê a luz depois da publicação do original.*

Tem-me cabido em sorte traduzir quási tudo o que aquêle distinto lusófilo escreveu sôbre figuras notáveis das nossas letras, e tenho-o feito pelas razões já expostas nos prefácios dessas traduções; ocioso seria repeti-lo aqui. Limitar-me-ei, por isso, a dizer que a esta seguir-se-á a tradução de «A Portuguese mystic: Frei Thomé de Jesus», *depois do que terão sido vertidos para a nossa língua todos os estudos portugueses do snr. Aubrey Bell.*

★

A figura de Damião de Góis vive ainda hoje nas páginas que escreveu, apesar dos séculos sôbre

elas terem passado na sua marcha incessante para o futuro. Possuído da curiosidade insaciável de saber, embora procurasse fazer o conhecimento dos homens ao vivo e não através dos livros, é um daqueles nomes que honram Portugal, não só por muito ter escrito em louvor e em defesa da sua terra na língua universal do tempo, o latim, mas também e acima de tudo, por ter sido um espírito aberto a tôdas as idéias generosas e humanitárias. A história do autor da «Cronica delrei Dom Emanuel» *está feita, apesar de as suas obras latinas — e até mesmo as portuguesas — não terem sido suficientemente estudadas. Para o conhecimento da sua biografia, sobretudo durante o transe doloroso por que passou quando caíu sob a alçada da Inquisição, podem ler-se os trabalhos fundamentais de Joaquim de Vasconcelos, de Guilherme Henriques e do snr. dr. António Baião. Neste e noutros trabalhos se trata por vezes da sua obra de escritor; mas está ainda por escrever o trabalho fundamental que a considere quer sob o ponto de vista puramente literário, quer humano.*

Considerando êste último, creio nada haver que projecte mais luz sôbre o homem do que a sua correspondência. Contudo, esta mesmo foi escrita em duas línguas, conforme os correspondentes do Cronista: o latim e o português. Da correspondência latina ocupou-se Joaquim de Vasconcelos, embora não fôsse ainda publicada integral-

mente; a portuguesa, apesar de pouco numerosa, encontrava-se até hoje dispersa por várias obras, tornando-se difícil e fastidiosa a sua consulta. Tendo de abordá-la para a organização da bibliografia goisiana, ocorreu-me publicá-la em conjunto, sobretudo depois da leitura da nota 1 de pág. 31 do vol. I dos «Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa» *do snr. dr. António Baião. E como o ensaio do snr. Aubrey Bell seria, impresso, de pequeno volume, embora substancioso, pensei que duplicaria o seu valor apensando-lhe as cartas de Góis escritas em português, às quais acrescentei os memoriais dirigidos aos Inquisidores, documentos que reputo dos mais extraordinários, mais sentidos e mais lancinantes jamais saídos da pena de qualquer escritor português.*

Na impossibilidade de copiar as cartas dos autógrafos existentes na Tôrre do Tombo, tive de o fazer dos volumes onde primitivamente apareceram. Isso dá-lhes um pouco de disparidade no aspecto ortográfico, o que não podia evitar-se. A abundância de nomes próprios, a maior parte dos quais desconhecidos do leitor, e certos passos obscuros foram-me sugerindo a necessidade de esclarecê-los com notas, o que procurei fazer com o máximo cuidado.

As cartas I, II e III, sobretudo, estão repletas de informações referentes ao grande pleito que então se debatia entre Francisco I de França e Carlos V, rei de Espanha e imperador da Alema-

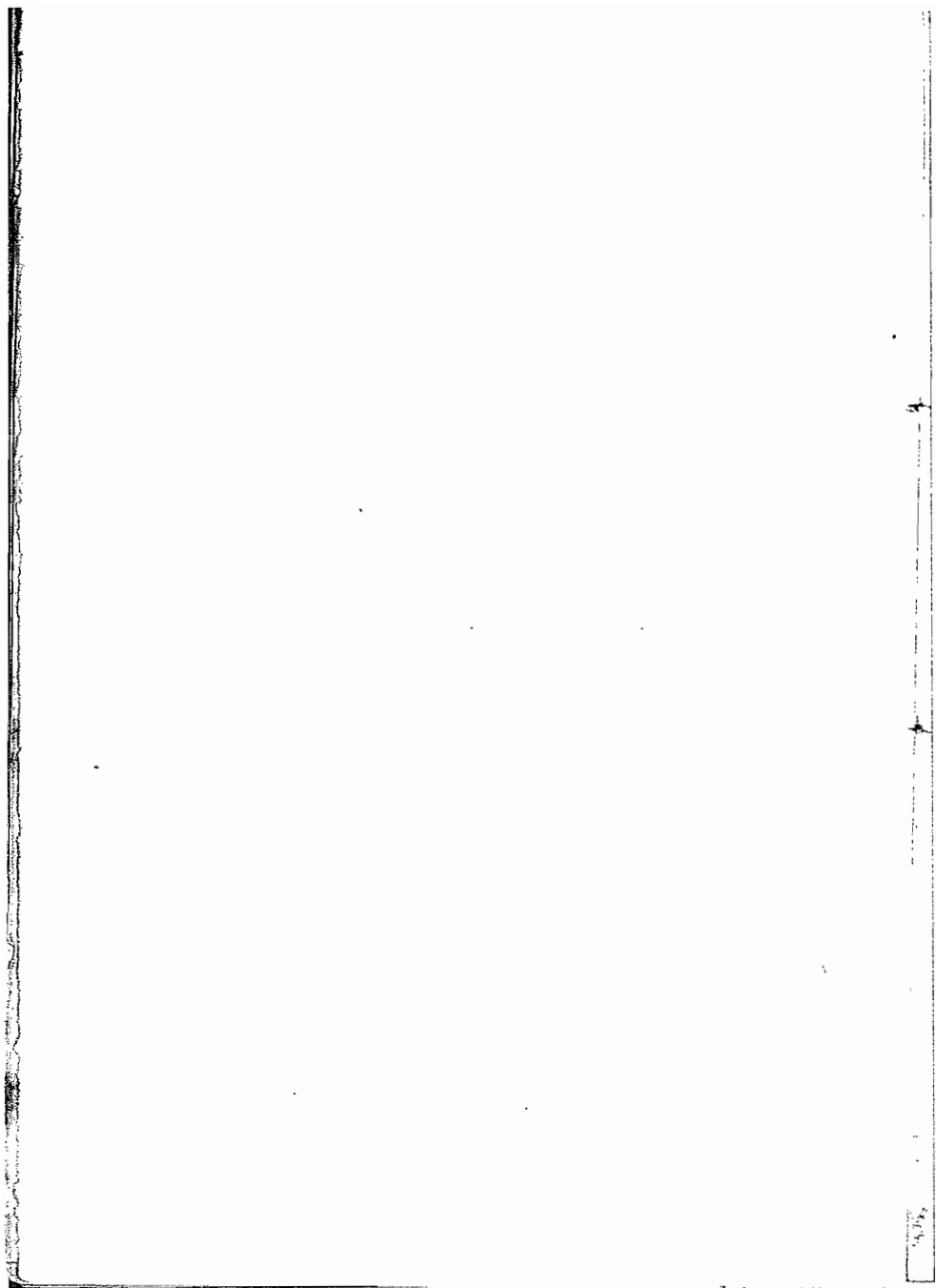
nha. Comparando-as com os pormenores fornecidos pelos historiadores coevos e pelos modernos, poderemos comprovar o rigor das relações de Góis, o qual vai muitas vezes até ao pormenor ínfimo. Por essa razão não tive possibilidade de identificar certos personagens de terceira ordem daquele duelo gigantesco que ensangüentou o primeiro têrço do século XVI. A identificação de alguns nomes foi difícil; os nossos escritores, pelo menos até ao século XVIII, não curaram de ortografar nomes estranhos com o rigor de hoje; por isso bastas vezes me vi envolvido no êrro, felizmente reconhecido a tempo. Apesar de tudo, não creio que as minhas notas estejam isentas de faltas, deficiências e até incorrecções. Nem pretendi ser exaustivo no que escrevi, nem me sobeja tempo para longas buscas, embora sinta o prazer infinito de a elas me dedicar. Creio, porém, ter feito obra útil para os que desejarem ràpidamente penetrar no íntimo de Damião de Góis e melhor poderem compreender a sua obra de escritor. Tanto quanto me foi possível, procurei, antes de mais, fazer obra honesta.

Para tornar completo êste trabalho, e de acôrdo com a orientação já seguida nas anteriores traduções de obras do snr. Aubrey Bell, resolvi reünir tôda a bibliografia goisiana, não só dos trabalhos escritos por Góis, mas também das de referência. Apesar da notável «Bibliografia goësiana» *de Joaquim de Vasconcelos, lavra ainda*

certa confusão quanto às edições das obras latinas, em virtude das correcções e aditamentos do autor feitos em apêndice à obra citada. A que a «História da Literatura Portuguesa Ilustrada» *publica é muito deficiente, como deficiente é a de Barbosa Machado. Quero crer que o meu trabalho, tal como está organizado, não induziará ninguém em êrro por corresponder perfeitamente à verdade.*

Quanto à das obras de referência, apesar do meu cuidado, é natural que tenha ainda lacunas. Dou-me, porém, por bem pago do meu esfôrço se com êste trabalho puder servir os estudiosos e a cultura.

Braga, Março de 1942.

ANTÓNIO ÁLVARO DÓRIA

DAMIÃO DE GÓIS

O RETRATO DE DAMIÃO DE GÓIS atribuído a Dürer [1] mostra-nos o rosto duma pessoa capaz de apreciar os gozos da vida, mas, acima de tudo, dotada de veemência, de entusiasmo e de perseverança tenaz no propósito de alcançar as coisas que acha dignas de se gozarem. Tem êle uma expressão de infinita curiosidade, simpatia comunicativa e profunda penetração, ao mesmo tempo que denota não só uma certa ambição, como também rectidão de juízo. Há nas feições quási duras laivos de deleite e de vivacidade como se se tratasse de alguém que ouve, pensa, inquire e observa

---

(1) Êsse admirável retrato, reproduzido nesta obra, foi executado por Dürer em Nuremberga, segundo Joaquim de Vasconcelos, um dos mais devotados admiradores do famoso cronista e aquêle que mais profundou os estudos goisianos, de que se pode afirmar haver sido o iniciador. A identificação do retrato, que figurava nos catálogos oficiais como de «personagem desconhecido», deve-se também a Joaquim de Vasconcelos, que o descobriu na colecção *Albertina*, de Viena de Áustria, atribuindo-lhe a data de 1526 ou 1527; por conseqüência teria

com interêsse penetrante o desconhecido; o queixo levemente erguido, tem-no coberto de barba, mas os olhos são calmos e amigos. Do barrete saem caracóis de cabelo espêsso. Os versos de Cornélio Escribo falam da sua

frons læta, exporrecta, alacris, dulcedine quadam
præ se fert puri pectoris indicium;

dos seus olhos acolhedores, do seu cabelo negro e das *prægraciles malæ:*

Nil est candidius, nil est humanius illo;
nil civile magis, nil magis est lepidum;
omnibus est carus.

Realmente um grupo de amigos ilustres comprovara os dotes de espírito e de cora-

---

sido executado quando o grande pintor se encontrava ainda na plenitude do seu talento.

Os leitores que porventura desejem conhecer as razões por que o retrato de Góis — certamente propriedade do retratado — teria saído de Portugal, lerão com proveito o que Joaquim de Vasconcelos diz na sua «Goesiana» e há poucos anos foi reproduzido na revista «Lvsitânia», vol. I, págs. 318-319. Recentemente o sr. Mário de Sampayo Ribeiro (in-*Damianus a Goes, n.º 1)*, impugna as razões de J. de Vasconcelos, entendendo que o retrato, em sua opinião, não é de Damião de Góis. — Nota de A. A. D.

ção do humanista português. Goclénio fala da sua *gravitas, modestia et singularis prudentia;* o Cardeal Sadoleto, a quem Góis chamou «homem doctissimo», refere-se-lhe à sabedoria, erudição e nobreza de sentimentos; o Cardeal Bembo diz que êle é *omni eloquentia et suavitate sane prædītus.* O Bispo Paulo Sperato declara ser êle na verdade um homem: *hominis nomen meretur.* Henrique Loriti ou Glareano, músico, editor de algumas das músicas de Góis, dirige-lhe *(eques magnifice)* igual louvor na carta que lhe escreveu: *Ego re expertus sum quam sis ingenuus, quam gratus, quam animo civili, humano, benigno, quam integer vitar scelerisque purus.* O Cardeal Mardruchio louva-lhe a *exquisita scilicet et obscura eruditio,* a *genuina integritas, eruditio eximia.* Adamus Carolus testemunha a sua *humanitas, candor, magnificentia.* O Arcebispo de Upsala *(cum quo in Prussia non vulgarem contraxi amicitiam)* (²), ao

(²) «*Fides, Religio, Moresqve Aethiopvm*». In «Damiani Goes Eqvitis Lvsitani Opvscvla», Conimbricæ, 1791; pág. 180. Desta obrinha foi feita uma versão inglesa por

dirigir-se-lhe, chama-lhe *humanissimus* (3).

Na verdade poucos devem ter sido mais representativos do humanismo, além de Góis: com a sua erudição e com as suas cartas, dedicou-se a urdir a teia da vida e a cadeia da amizade de forma nova, opulenta e curiosa. Seu avô, Gomes Dias de Góis, fêz parte da casa do Infante D. Henrique, a quem acompanhou na expedição à África, tendo-se distinguido no cêrco de Ceuta, em 1415, e o Infante, que adquirira o monopólio do sabão em Portugal, galardoou-o dando-lhe algumas fábricas de sabão no Alentejo, combinação, na verdade, bem curiosa do ideal cavalheiresco e do mercantilismo, ambos característicos da Casa Real Portuguesa um século mais tarde, no reinado de D. Manuel.

Damião, um dos seis filhos de Rui Dias

João, filho de Sir Thomas More. Veja a «*Cronica do Principe Dom Ioam*», cap. IX.

(3) A êstes podemos acrescentar ainda o testemunho de Nicolau António, que na sua «*Bibliotheca Hispana Nova*» diz: *morem quippe suavitate atque elegantia, ergaque doctos liberalitate insinuabat se in cuiusque animum qui Musarum commercio frueretur, facile atque alte.* — Nota de A. A. D.

e de sua quarta mulher Isabel Gomes de Limi, nasceu em Fevereiro de 1502, em Alenquer, antiga vila perto de Santarém, numa região arborizada junto das margens dum rio *piscium feracissimus*. A sua educação foi a dos outros pajens do paço de D. Manuel, para onde entrou no ano de 1511, quando Frutuoso, seu irmão mais velho, era guarda-roupa. Ali teve o rapaz oportunidade de dar largas ao seu amor pela música e a uma curiosidade pelas muitas terras de que contìnuamente apareciam embaixadores na côrte de Portugal.

Dum puer ipsius prudentissimi Regis ab intimis cubiculis essem, treis (elefantes) *simul vidi, atque Rhinocerontem unum, qui omnes Regem ipsum equitantem præcedebant* (4), e êle próprio assistiu a um combate entre um dos elefantes e o rinoceronte (5). O pajenzinho curioso e interessado

---

(4) «*Hispania*». In «Opvscvla», 1791, pág. 105. Veja «*Cronica de D. Manuel*», p.te IV, cap. 84.

(5) *Certamini etiam vnius istorum Elephantum cum Rhinocerote interfui, spectaculum sane admiratione dignum, in quo Elephans succubuit.* «*Opvscvla*», pág. 106. «De quomo elRei qvis ver per experiençia ho que hos

costumava assistir à queima, por inúteis, das especiarias deterioradas durante a viagem da Índia para Lisboa ([6]); e muitas vezes viu os mercadores, com os sacos cheios de ouro e prata, ir à Casa da Índia comprar as especiarias, e ali mandarem-nos voltar ao outro dia ([7]); assistiu até à chegada dos homens estranhos vindos do Brasil ou da Abissínia ([8]).

---

scriptores antigos screuem do odio natural que ha antre hos Elephantes, & hos Rhinoçerotas, pera ho que mandou em Lisboa metter estas duas espantosas alimarias em hum terreiro çerrado, & do que cada hũa dellas fez». Id., IV, 18.

(6) *Hæc omnia si ille bonus ac doctus Paulus Iouius sciuisset, nunquam aut de quæstu nostro inuidiam mouisset, aut corrupta aromata pro integris vendi asseruisset, quippe cum edicto Regis, placitisque totius regni, mucida, adulterinaque semper crementur, id quod, dum puer ab intimis cubiculis prudentissimi Regis Emmanuelis essem, sæpius vidi Olisipone fieri.* «De Rebvs et imperio Lvsitanorvm», in «Opvscvla», pág. 158.

(7) «...eu vi muitas vezes na casa da contractação da India mercadores cõ saquos cheos de dinheiro de moeda douro, & prata pera fazerem pagamẽto do q̃ deuião per conta das speciarias q̃ comprauã, cõ ho qual dinheiro lhes dezião hos offiçiaes que tornassem em outro dia, porque não hauia tẽpo pera ho então contarẽ, que tãta era ha soma que se reçebia todolos dias». «Cronica», IV, 84.

(8) «...*Helena Dauidis auia, quæ ob tenellam ipsius Dauidis ætatem, administrationem regnorum habebat, quendam Matthæum Armenium, virum multarum rerum*

Posteriormente, pela vida adiante, essa curiosidade tornou-se extensiva a todos os países da Europa, e também às terras ultramarinas recentemente descobertas, na África, na Ásia e na América. Mostra-se muito mais satisfeito quando descreve os costumes dos chineses do que ao relatar qualquer facto seu contemporâneo em Portugal (9). Góis diz que o rei D. Manuel, com o seu cabelo castanho, a sua alta fronte, os olhos risonhos de côr entre verde e branco, gostava tanto de música que durante as horas de trabalho, sempre durante as de lazer e até quando se retirava para descansar, o paço ressoava de harpas, de flautas, de timbales, de sacabuxas e de saltérios (10).

---

atque linguarum peritum, in Lusitaniam ad Emmanuelem Regem misit, & quo maior auctoritas, & fides legationis esset, quendam nobilem iuuenem Abissynum misit, quos ego sæpius in aula nostra conueni, & familiariter allocutus sum. «Fides, Religio», etc., «Opvs.», pág. 175; e na «Cronica», III, lix.

(9) «Cronica», IV, 25: «Dos costumes dos Chins».

(10) «Foi mui musico de vontade, tanto q̃ has mais das veses q̃ estaua em despacho, & sempre pela sésta, & depois q̃ se lançaua na cama, era cõ ter musica, & assi pera esta musica de camara, quomo pera sua capella tinha estremados cãtores, & tãgedores, q̃ lhe vinhão de todalas

Só aos 27 anos começou a aprender latim ([11]). Em 1523 foi mandado para a Flandres, sendo a viagem marítima cheia de perigos devido à guerra entre a França e a Inglaterra ([12]). Em Antuérpia ocupou o lugar de secretário da Feitoria portuguesa («escrivão de Fazenda») e manteve-se em relações com a Casa Real portuguesa; coligiu crónicas para o Infante D. Fernando, que lhe mandou uma genealogia para ser

---

partes Deuropa, a q̃ fazia grãdes partidos, & daua ordenados cõ q̃ se mantinhão honrradamẽte, & allẽ disto lhe fazia outras merçes pelo que tinha hũa das melhores capellas de quãtos Reis, & prinçipes então viuião. Todolos domingos, & dias sanctos jantaua & çeaua com musica, de charamelas, saquabuxas, cornetas, harpas, tamboris, & rabecas & nas festas prinçipaes cõ atabales, & trõbetas, q̃ todos em quãto comia tãgiam cada hũ per seu gyro, álẽ destes tinha musicos mouriscos, q̃ cantauam, & tangião cõ alaudes, & pãdeiros, aho som dos quaes, & assim das charamelas, harpas, rabecas, & tãboris dançauão hos moços fidalgos durãdo ho jãtar, & çea...». Veja «Cronica», IV, 84.

([11]) «...no dito tempo não sabia ainda latim... e começou a apprender latim no anno de vinte e nove...» Guilherme Henriques, «Ineditos Goesianos», vol. II, p. 57.

([12]) A. Loiseau, na sua *«Histoire de la littérature portugaise»*, diz que Góis *«avait étudié en Italie, pris le grade de docteur à Bologne, et il devint camérier de D. Manoel, qui lui confia plusieurs missions diplomatiques*

iluminada por Simão de Brujas [13]; em 1529 mandaram-no à Alemanha em missão especial, e talvez já o tivessem mandado no mesmo ano à Inglaterra e à Escócia. Isto é o que afirma António Galvão, o qual certamente colheu algumas das suas informações entre os papéis de Góis. O próprio Góis diz, sem indicação de data, ter estado na Inglaterra em serviço do Rei e ter sido ali auxiliado por John Wallop, que conhecera

---

près des cours de Pologne, de Danemark et de Suède» (loc. cit., pág. 256). Como em muitos outros pontos, esta obra é aqui cheia de inexactidões. Quando Góis começou a estudar em Itália — em Pádua, não em Bolonha — tinha já mais de 30 anos e não consta que tomasse ali qualquer grau. Quando principiou a sua vida diplomática, em 1523, já D. Manuel era morto havia cêrca de dois anos. Por aqui podemos avaliar quais as inexactidões com que topamos a cada passo no livro de Loiseau. Não obstante isso, podemos perfilhar perfeitamente a sua opinião a respeito do cronista, a quem chama «*le plus vaste esprit peut-être du XVI*ᵉ *siècle*». — Nota de A. A. D.

(13) «E por tirar a limpo has Chronicas dos Reis de Hispanha, desno de Noe, atte ho seu, despendeo (o infante D. Fernando) muito com homẽs doctos, aqui daua ordenados, & tenças, & fazia outras merçes, & me mandou a mi hum debuxo da aruore, & tronco de toda esta progenia, desno tempo de Noe, atte ho delRei dom Emmanuel seu pai, pera lho mandar fazer de iluminura, pelo mór homem daquella arte que hauia em toda Europa, per

em Lisboa ([14]). Naquele ano de 1525 desembarcou em Danzigue, na qualidade de embaixador de D. João III, e seguiu até Vilna, Posen e Cracóvia, onde começou a negociar um projecto de casamento do Infante D. Luís com a jovem filha do rei Segismundo ([15]). Regressou depois a Antuérpia e em 1531 o Rei mandou-o em missão à côrte da Dinamarca. Quando se dirigia daqui para a Polónia, desviou-se da rota para ir a Vitemberga, e, no Domingo de Ramos, ouviu um sermão de Lutero em alemão, de que só pôde entender algumas citações latinas. Jantou com Lutero e Melanchton, na pousada onde demoravam, e

---

nome Simão, morador ẽ Bruges no condado de Flandres». Veja «Cronica», II, xix.

([14]) «Este Ioam valope era homẽ nobre, & de que elRei Anrique de Inglaterra fez tanto caso, que lhe deu a capitania de Cales *(Calais)*, que era hũa das cousas de mór confiãça de quãtas naquelle Regno hauia de sua calidade: ho qual eu conheçi, & somos amigos, & sua amizade me aproueitou pera negoçios que trattei em Inglaterra de seruiço delRei dom Ioam terçeiro». «*Cronica*», I, 101.

([15]) «Elrei dom Ioã terçeiro seu irmão, que sancta gloria haja, estãdoho eu seruindo em Anuersn *(Anvers)* oduquado de Brabante me mãdou no anno de M. D. xxix,

depois visitou os dois heresiarcas nas suas respectivas casas. Quarenta e um anos mais tarde relata êste facto perante a Inquisição de Lisboa, da seguinte maneira:

«Segunda feira foi o jantar de todos juntos como tem dito com o capitão e o dito

---

às partes de Hostelãda a negoçios de seu seruiço, & dahi á corte delRei de Polonia, Sigismundo primeiro do nome, que neste tempo estaua em Vilno, çidade metropoli & principal do ducado de Lituania, donde depois de ter acabados hos negoçios a que iha: tornei á çidade de Dansique em Prussia (donde partira) a tomar cõclusam nas cousas que naquellas partes ainda tinha q̃ fazer, & dalli me fui a Cracouia, çidade prinçipal, & metropoli da Polonia minor. Nesta çidade de Cracouia Christopharo Schelouisquo [1], que entã era Viçerei dambalas Polonias, por elRei ser absente, & Ioam tarnouio [2] capitam da çidade, & fronteiro mór dos confins dentre Polonia, & Tartaria... Estes dous senhores (entre outras praticas que tiuemos) me deram a entender q̃ elRei Sigismundo seu senhor (se pera isso fosse comettido) daria de boa vontade hũa só filha que tinha per nome donna Heduige, de sua primeira molher donna Barbara, irmã delrei Iam sçepusiẽse [3] de Hũgria, aho Infante dõ Luis por molher, & com ella tal dote qual hũ tal Prinçipe quomo elle mereçia, & isto per palauras de q̃ eu pude bem entẽder, terem elles commissam del Rei pera me fallárem nisso. «*Cronica*», IV, 20.

(1) Talvez pertencente à notável família polaca Czelakovsky.

(2) João Amor Tarnow, conde de Tarnow, palatino da Pequena Rússia (1488-1571).

(3) João Zapolya, rei da Hungria, assim chamado por ser filho de Estêvão, conde de Scépus.

Martim Luthero, e com Melanchton. E á tarde foram á fortaleza e lá merendarão e depois de merendarem tornarão todos a casa de Martim Luthero por elle lhes rogar que fossem a sua casa como de feito foram e tornarão a comer maçãas e avelãas e a mulher do dito Martim Luthero era a que trazia á mesa as iguarias. E depois que comeram ficou Martim Luthero na sua e elle (Góis) e o capitam e o Melanchton se vieram todos tres a casa do dito Melanchton por elle lhe rogar que entrassem a vêr sua pobreza: onde entrarão e acharão sua mulher fiando e vestida com uma saia velha de bocaxim e que era pobre o dito Melanchton» [16].

Nos fins do ano regressou a Antuérpia e em 1532 estudou durante oito ou nove meses em Lovaina, alojando-se em casa dum amigo que lhe deu uma carta de apresentação para Erasmo. No ano seguinte (em que Góis também esteve em Paris) Erasmo recebeu em Friburgo, um pouco friamente, o jovem erudito português. Recordava-se

---

[16] «*Ineditos Goesianos*», II, pág. 49.

até de ter visto o seu nome algures, mas êle costumava receber inúmeras cartas, às vezes vinte por dia, bem como muitas visitas e até indivíduos de profissão suposta. Todavia uma longa carta muito cordial decidiu-o e a amizade assim começada tornou-se mais íntima, a ponto de algumas das últimas cartas de Erasmo terem sido endereçadas a Góis. Em uma delas aconselha-o a não entrar para seitas religiosas. Em 1534 escreve-lhe *in lecto semivivus*, e em 1536, numa última carta, diz que está então completamente prostrado na cama *jam perpetuo lecto afixus*. A resposta de Góis a esta carta talvez parecesse ao moribundo cheia de estranho e inconsciente egoísmo, pois mostrava o abismo que sempre existe entre um jovem sábio e um moribundo desiludido e com o dôbro da idade daquele.

Góis dizia que a carta de Erasmo e o saber que Deus o afligia por causa dos seus pecados, lhe trouxeram as lágrimas aos olhos. Mandava-lhe cumprimentos de Bembo e de outros amigos — Góis escrevia de Pádua — e dizia que algumas pessoas se mostraram admiradas por Erasmo não es-

crever pormenorizadamente a vida e a morte do seu amigo íntimo Sir Thomas More. Êle próprio estava com grande vontade de escrever a vida de Erasmo e pedia-lhe para lhe fornecer elementos para tal, prometendo visitá-lo breve; finalmente pedia-lhe para lhe mandar um mapa da Suíça que Erasmo possuía; sem dúvida êste seria mais útil para Góis do que para o dono moribundo, mas tal pedido não podia então ser muito oportuno. A resposta a esta carta foi a notícia da morte do humanista.

Depois do primeiro encontro, Góis fôra a Basileia, onde esteve com Sebastião Munstero e Amerbach. Em 1533 regressou a Lovaina e foi então que o chamaram novamente a Portugal para ocupar o cargo de tesoureiro da Casa da Índia; mas êle recusou mais tarde o lugar, e, depois de ir em peregrinação ao santuário de Santiago de Compostela, o inveterado viajante seguiu para a Alemanha e passou quatro ou cinco meses com Erasmo em Friburgo, como hóspede do «príncipe de tôda a sabedoria e eloqüência». Depois seguiu para a Itália, passando por Estrasburgo, onde visitou

Bucer. Em Setembro de 1534 chegou a Pádua, onde viveu durante os quatro anos seguintes (17). Visitou também Roma (18), Veneza (19) e outras cidades italianas. Em Pádua relacionou-se com os cardeais Bembo e Sadoleto e conheceu também Ramúsio — ao qual forneceu muitas informações referentes aos descobrimentos marítimos dos portugueses (20) — e Santo Inácio de Loiola.

Poucas pessoas havia então que fôssem ao mesmo tempo amigos de Lutero e de Santo Inácio.

---

(17) Na «*Crónica*», III, 60, diz que estudou em Pádua durante seis anos («Padua, onde por respeito dos estudos residi seis annos). No seu depoïmento afirma que estudou lá durante os cinco anos de 1534 a 1538 («Declarei que estando em Padua estudando nos annos de mil quinhentos e trinta e quatro, até ao de mil quinhentos e trinta e oito, m'escrevera o Cardeal Jacobo Sadoleto...») «*Ineditos Goesianos*», II, pág. 73.

(18) Veja a «*Cronica do Principe Dom Ioam*», cap. XVII.

(19) «*Cronica de Dom Manuel*», IV, 81.

(20) João Baptista Ramúsio diz, no 1.º vol. das suas «*Delle Navigationi et Viaggi*», referindo-se ao livro que o P.e Francisco Álvares escreveu sôbre a viagem à Etiópia, que Ramúsio trasladou e publicou na famosa colecção: *Et che questo sia il uero, io ne ho ueduto la proua percio che la copia mandatami dal* S. Damiano di Goes, *si troua*

«Mestre Ignacio veio de Veneza a Padua se desculpar de mim (por causa das falsas acusações que a Góis fizera o jesuíta Simão Rodrigues), onde pousou em minha casa com alguns irmãos da sua regra» ([21]).

Em 1538 casou, na Haia, com Joana van Hargen, de uma nobre família holandesa. Em 1539 estava a gozar um *otium literarium* em Lovaina. A sua «*Fides, Religio Moresque Aethiopum*» foi publicada em 1541 e condicionalmente recebida pelos eruditos, mas em Portugal a Inquisição condenou o livro. Em 1542 regressou a Lovaina para tomar parte na defesa da cidade durante o cêrco dos franceses ([22]). Êsse acto brioso da sua parte custou-lhe caro, porque foi feito prisioneiro e passou nove meses na

---

in molti luoghi, diuersa dal detto libro, stampato in Lisbona... — Nota de A. A. D.

([21]) «*Ineditos Goesianos*», II, pág. 70.

([22]) Pelo meu prezado amigo sr. Francisco Martins da Costa (Aldão) tenho conhecimento de que existe em Lovaina uma gravura representando o Cronista batendo-se no cêrco da cidade. As condições excepcionais da hora presente impedem-me de obter uma cópia que muito valorizaria a presente edição. — Nota de A. A. D.

Normândia; mais tarde levaram-no para Fontainebleau e só o libertaram depois de pagar pesado resgate, primeiro fixado em 9.000 ducados, mas a seguir reduzido para 6.000. Em troca o Imperador concedeu-lhe brasão de armas ([23]).

Em 1545 voltou a Portugal, na qualidade de mestre do jovem Infante D. João (1537-1553); a viagem com a mulher e a família, os seus livros e quadros e outras aquisições artísticas, custou-lhe a elevada soma de 600$000 réis. Não corriam então favoráveis os tempos para os que viajavam no estrangeiro, e pouco depois da chegada Góis foi denunciado à Inquisição como herético pelo seu velho inimigo o jesuíta Simão Rodrigues; e, embora não fôsse então preso, já não pôde ocupar o cargo de preceptor do Infante. Mas em 1548 nomearam-no guarda-mor do Arquivo da Tôrre do Tombo, uma situação que na verdade lhe era mais grata e mais de acôrdo com a sua maneira de ser ([24]).

([23]) Veja adiante Carta VI.

([24]) Com o vencimento de 100$000 réis.

Todavia um quarto de século de permanência em terras estranhas tornara Góis quási um estrangeiro na sua terra. Conheciam-no pelo «fidalgo flamengo», pois adquirira os hábitos sociais do norte da Europa, que contrastavam com a sobriedade de Portugal, embora em sua opinião os banquetes dos franceses e dos alemães fôssem mais abundantes do que elegantes ([25]). A sua casa em Lisboa, nos Paços do Castelo, tornou-se conhecida como hospedaria de estrangeiros, muitos dos quais eram alemães e flamengos. É natural que estivesse cheia de tesouros valiosos e artísticos. O Rei, a Raínha e muitos viajantes e embaixadores estrangeiros vieram ver a sua biblioteca com numerosas imagens de santos e excelentes retábulos. Góis gostava sobretudo da pintura flamenga, como a família real portuguesa, e quando esteve na Flandres mandou à Raínha um precioso livro de horas iluminado por Simão (Beninc) de Brujas. Ao Núncio dera dois quadros de Jerónimo

([25]) «*Hispania*», in «Opvscvla», 1791, pág. 91: «*externi homines non de copia conqueri solent sed de lautitia et elegantia*».

Bosch: a «*Tentação de Job*» e a «*Tentação de Santo Antão*». Ao rei D. Sebastião oferecera a estátua de S. Sebastião de coral, com base de calcedónia. Às igrejas e conventos da sua Alenquer nativa, onde possuía propriedades (casas e terras e um pomar: «uma horta à parte de Santa Catharina») as suas dádivas foram igualmente munificentes e constaram, entre outras, de um órgão, um cálice de prata dourada, um leque holandês de penas de pavão, um quadro da coroação de Cristo pintado por Jerónimo Bosch e um tríptico da crucificação por Quintino Matsys («mestre quentino»). Na igreja de Santa Maria da Várzea, em Alenquer, mandou fazer por preço elevado um túmulo de mármore, com as armas da sua família e uma inscrição latina, para lá ser enterrado ([26]).

Em sua casa de Lisboa havia banquetes, canções e música; no órgão tocavam-se missas e motetes; e tudo isto escandalizava os vizinhos, sempre vigilantes. O vento do in-

---

([26]) Guilherme J. C. Henriques (1846-1924) reproduziu fotogràficamente a inscrição e o brasão de armas nos seus valiosos «*Ineditos Goesianos*».

verno arrancou as telhas numa certa parte do telhado e por aí caía a chuva na capela. Isto deu ocasião aos inimigos para afirmarem que êle atirava pelo buraco peixe salgado e carne de porco ao crucifixo da capela. A sua casa estava bem fornecida de cereais, de azeite, de cevada, de pipas de vinho e de barris com carne de porco em salmoura. Maria de Góis, sua filha natural, governava-lhe a casa; muitos dos criados eram flamengos. Por aqui poderemos compreender como tôdas estas circunstâncias forneceriam matéria para a maledicência que tornava então famosos os portugueses: *maledicere lusitanicum.*

Góis não levava uma vida ostensiva de pagão. Todos os domingos e dias de festa o podiam ver ir a cavalo pelas ruas à missa de S. Bento, onde tinha dois filhos frades, ou a Enxobregas, quando o Rei ali ouvia missa; é evidente que não podia deixar de dar nas vistas levando consigo um lacaio, um escravo e um pajem para transportar a cadeira (costume que a moda impusera aos fidalgos quando iam à missa). Mas havia outra coisa, diziam; gostava de comer

e de beber e tinham-no visto comer carne em dias de jejum: carne assada de porco com môlho de laranjas. Nas suas reminiscências Góis foi um pouco incauto quando disse:

«Se vireis felippe Melanchton diante das Andas de lutero ir cantando huns versos a pé sem barrete que cousa aquella era?»

Chegou até a elogiar Erasmo, a sua temperança e a sua sobriedade em têrmos entusiásticos. Góis tinha muitos amigos, não só no estrangeiro — como Nânio *amicus non vulgaris*, que celebrou em versos latinos o nascimento do filho mais velho de Góis, ou estrangeiros que viviam em Portugal, como o *amicissimus Clenardus*, ou espanhóis exilados, como Vives, que escreveu a Góis a respeito da *voluntas summa in te* —, mas também portugueses de Portugal, incluindo o grande historiador João de Barros, que foi um dos seus mais íntimos amigos e padrinho de um dos filhos, e o cardeal D. Henrique. Conheceu também pessoalmente Duarte Galvão e Francisco Álvares.

As predilecções de Góis eram profundas e tinham vários aspectos. Vivamente apaixonado pela arte e pela literatura, era também músico e compositor hábil e entusiasta. O seu interêsse pelo comércio manifesta-se numa carta ao Rei de Portugal datada de 2 de Julho de 1544 ([27]), prevenindo-o de que tôda a Europa estava a enriquecer à sua custa; e noutra escrita ao Rei depois do seu regresso a Portugal (datada de Alenquer, 13 de Julho de 1546) ([28]) prevenindo-o contra a loucura de «espantar e agravar» os mercadores estrangeiros com impostos e delongas. Mas era na realidade uma voz clamando no deserto! No meio da sua mundanidade e das humanidades, das fáceis circunstâncias em que vivia, das suas viagens e das suas missões diplomáticas, Góis recorda outro amigo de Erasmo, o humanista Transilvano, que morreu em 1538 ([29]).

([27]) Veja adiante Carta VI.

([28]) Veja adiante Carta VII.

([29]) Veja Alphonse Roersch, «*Maximilien Transsylvanus, humaniste et secrétaire de Charles-Quint*» (Extrait des «Bulletins de l'Académie Royale de Belgique», Avril de 1928).

Em 1558 Góis foi encarregado da espinhosa missão de escrever a crónica do rei D. Manuel. Ao completá-la em 1566-67 (30), recebeu a pensão de 20$000 réis e o hábito de Cristo; mas os factos nela narrados estavam muito próximos para um historiador imparcial (e Góis declarara na verdade não poupar louvores nem censuras) não incorrer na inimizade de poderosas famílias e interêsses feridos (31). Em 1567 publicou uma segunda história, a «*Cronica do Prinçipe Dom Ioam*». Naquele ano morreu-lhe a

---

(30) Veja Joaquim de Vasconcelos, «*As variantes das Chronicas*», Pôrto, 1881; Edgar Prestage, «*Critica contemporanea à Chronica de D. Manuel*», separata do «Archivo Historico Portuguez», vol. IX (1914). O cap. 68 da parte IV da *Cronica* refere-se a «ho tempo presente, em que corre ho Anno do Senhor de Mil quinhentos sesenta, & sete».

(31) Na *Cronica do Prinçipe Dom Ioam*», cap. LXXXV fala da falsidade e da traição dos condes e dos príncipes: «...elRei dom Afonso... se tornou pera Touro assaz triste, por nã poder alcançar hũa tam bõa ventura, quomo ha que lhe staua naquelle dia ordenada, se has cortes dos Prinçipes nam fossem emparamentadas de tantas, & tam falsas figuras, cheas datreiçoada peçonha, debaxo de fingida virtude, quomo ho sempre foram, & seram, se Deos nam renouar ho mundo, & ho vestir doutra libré differente da que attégora trouxe.»

mulher. Em Março de 1571 a Inquisição decidiu prendê-lo, sob a acusação, já velha, de heresia, proferida por Simão Rodrigues em 1545 e novamente em 1550. É evidente que houvera informações posteriores àcêrca da sua vida bastantes para a tornar provável, de modo que essa velha acusação produzia agora os seus frutos; de facto as testemunhas foram muitas a depor, e algumas malévolas. Diziam que êle lera livros proïbidos, que não observara os jejuns, que dissera que muitos papas tinham sido tiranos e muitos padres hipócritas, e que tivera intimidade com herejes. Êste era o verdadeiro crime de Góis, e a sua posição assemelhava-se à do também imprudente fr. Bartolomeu de Carranza, arcebispo de Toledo, preso pela Inquisição onze anos antes. Nos anos mais propícios da primeira metade do século XVI Góis comera e bebera com herejes e heresiarcas no estrangeiro, e não mostrara sinais de se ter arrependido disso na segunda metade do século em Portugal. Além disso, confessou que, quando estivera pela primeira vez na Flandres, sofrera de certo modo a influência das doutrinas he-

réticas. Ficou a crer que as «Indulgencias do Papa aproveitavão pera pouco» e principiou a duvidar do valor da confissão auricular. Disto se curara quando esteve na Itália, e a Inquisição sentia-se satisfeita por saber que desde o seu regresso a Portugal sempre vivera como católico sincero. Não obstante, a velha mancha recaía sôbre êle; acusaram-no de gostar mais dos estrangeiros do que dos seus compatriotas e de ter declarado serem aqueles menos traiçoeiros do que os espanhóis e os portugueses. Porém, negou a acusação. No seu depoïmento disse nunca ter afirmado serem os alemães de carácter mais nobre que os portugueses:

«Quero bem a todos os estrangeiros porque fui perigrino em muitas terras, e achei sempre nelles muito boa companhia: e de dizer que as cidades d'Allemanha assi catholicas como lutheranas tem melhor policia que as nossas, assi o disse muitas vezes e digo» (32).

Góis jazeu nos cárceres da Inquisição de Lisboa desde Abril de 1571 até Dezembro

(32) *«Ineditos Goesianos»*, II, pág. 74. Veja Carta XI.

de 1572. Após nove meses de prisão, queixava-se de estar velho e doente e mal se poder ter em pé, e ter o corpo coberto por uma espécie de lepra (33); por isso pedia lhe permitissem mandar uma carta ao cardeal D. Henrique e ver seu filho Ambrósio de Góis, para saber notícias da família e dos negócios, de que nada sabia havia três meses «do que estou muito triste»; pedia mais para lhe darem um livro latino «porque estou apodrecendo de ociosidade e com o ler se me passam muitos pensamentos» (34). Embora o seu encarceramento não fôsse tão longo como o do seu contemporâneo fr. Luís de Leão, sob certos aspectos parece ter sido muito pior. Por fim o tribunal de Lisboa decidiu que êle devia sofrer pelas faltas cometidas meio século antes, quando estava na Flandres. Confiscaram-lhe as propriedades (35) e condenaram-no a «carcer peni-

---

(33) *Ibid.*, II, pág. 69. Veja Carta XIV.

(34) *Ibid.*, II, pág. 71. Veja Carta X.

(35) «*Inéditos Goesianos*», II, pág. 131; «Ja passei certidão pera o Juiz do fisco de como foi este Reo damião de goões condemnado em confiscação de seus bens para o fisco e Camera Real — hoje 9 de dezembro de 72».

tencial perpetuo» ([36]) no mosteiro da Batalha. Contudo parece terem-lhe permitido voltar mais tarde para a sua casa de Alenquer, onde, talvez, morreu no dia 30 de Janeiro de 1574; segundo um relato, a morte ocorreu numa estalagem de caminho para Alcobaça. Talvez morresse de hemorragia cerebral ([37]). Depois da morte do infante D. Luís, em 1555, Góis diz que se encaminha para a velhice, e em 1565 um estrangeiro que o visitou em Lisboa achou-o muito velho: *il se faict fort vieulx*. Durante a última parte da vida era sujeito a vertigens ([38]), e esteve doente no verão de 1570; por isso não é de admirar não ter podido sobreviver àquêles terríveis meses de prisão

---

([36]) *Ibid.*, II, pág. 129.

([37]) Veja Maximiano de Lemos, «*Damião de Goes*», in «Revista de Historia», Ano XI (1922), pág. 63 e ss.

([38]) Numa carta escrita a Joaquim Polites, a 8 de Julho de 1537, Nicolau Clenardo, referindo-se a Góis, amigo comum de ambos, diz: «Sôbre a vertigem do nosso querido Damião, muito estimei o que me escreveste. Queira Deus que, a exemplo de outros, se não venha a arrepender de se ter entregado tão inteiramente na mão dos médicos». Veja Dr. M. Gonçalves Cerejeira, «*Clenardo*», Coimbra, 1926, pág. 318. — Nota de A. A. D.

na Inquisição. Foi vítima da sua crença leviana de que um homem de talento pode viver a sua vida própria e levar por diante a sua obra sem dever preocupar-se com as invenções maliciosas ou idiotas dos vizinhos; mas perseguindo um velho, apenas, como a sentença declara, pelo crime de um êrro de fé cometido cinqüenta anos antes ([39]), a Inquisição mostra-se convencida de ter neste caso atiçado cinzas extintas com pequeno proveito, a não ser ùnicamente o da condenação do próprio Góis.

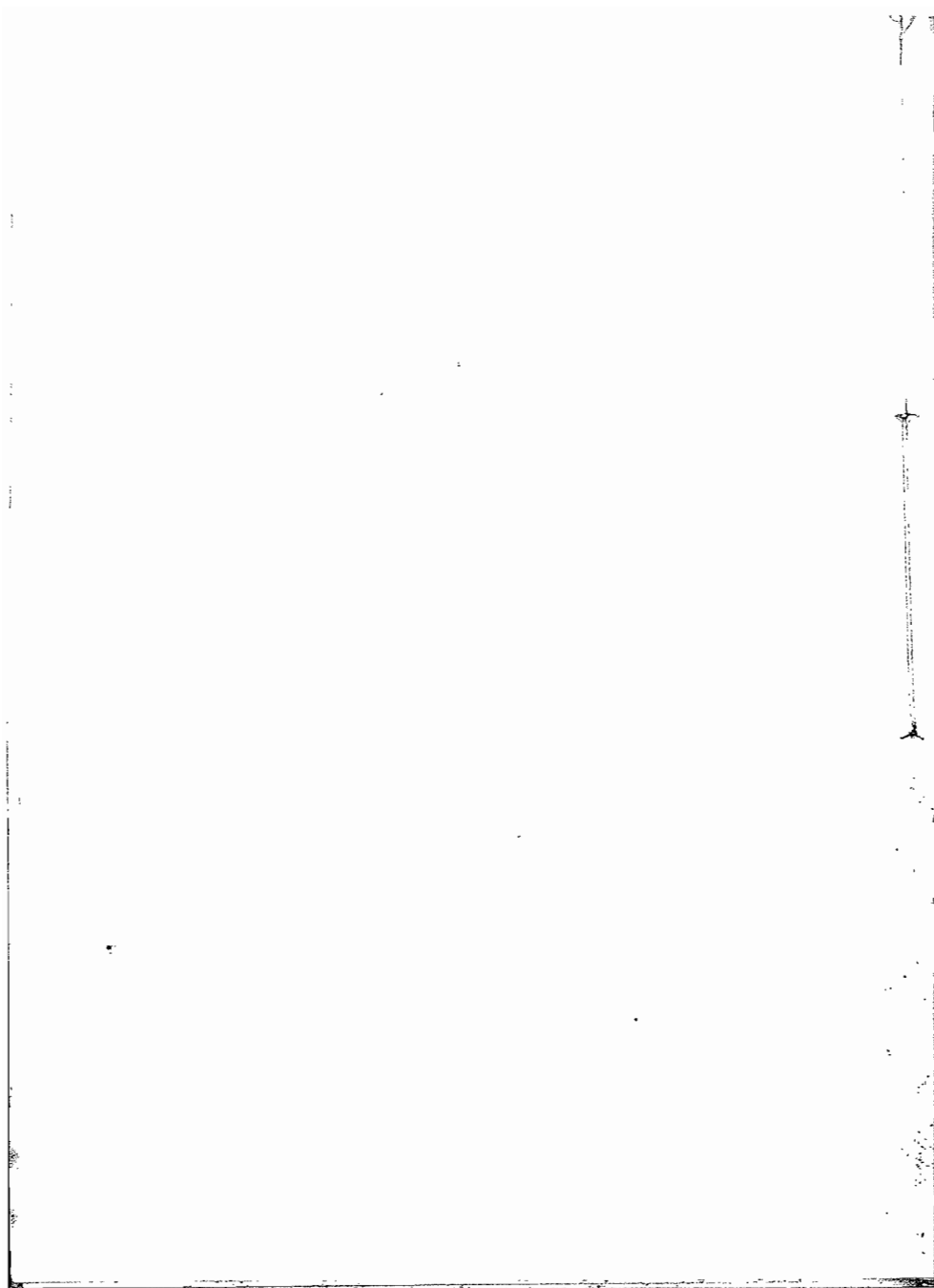
([39]) «*Ineditos Goesianos*», II, pág. 128: «foram cometidas fora deste Reino semdo ainda mamcebo de idade de vinte e hum annos».

CARTAS PORTUGUESAS

DE

DAMIÃO DE GÓIS

E

MEMORIAIS
ESCRITOS NA PRISÃO

CARTA DE RUI FERNANDES E DE DAMIÃO DE GÓIS, CÔNSULES EM ANTUÉRPIA, A D. JOÃO III

Antuerpia, 6 de janeiro de 1527

Senhor — Depois de termos esprito a vosalteza as novas de Jtalya e de alemanha nos vieram oje cartas de xxbj (*26*) de dezembro per que nos espreuem como o comde Yoã de beyda [1] que emlegeram por Rey de Vmgrya mandou tres embaixadores ao Jfamte dom fernando [2] com grande trumfo o Jfamte os quys ouuyr em pomtefiqual e em pruuiquo e quando emtraram na salla nom se aleuamtou nem lhe quys dar a mão ao custume da terra nem receber a carta de cremça começaram a falar em vmgro sua embaixada e nom nos quys ouujr senom que lhe falasem em latim tornaram dahy a ij (*dois*) dias que foy em

---

(1) João Zapolya, príncipe ou «voivode» da Transilvânia. Depois da morte de Luís II, rei da Hungria, na sangrenta batalha de Mohacz contra os turcos, em 1526, os partidários de João Zapolya, reünidos nos arredores de Tokay, e sob proposta do palatino Werböczy, inimigo dos Habsburgos, elegeram-no rei, sendo coroado no mesmo ano em Alba-Real. Por sua vez os partidários dos Habsburgos elegeram, em Presburgo, Fernando I, irmão de Carlos V, como rei da Hungria. Essa foi a origem da guerra de que Damião de Góis nos dá alguns pormenores nesta interessante carta.

(2) Fernando de Habsburgo, acima citado.

bij (*sete*) dias de dezembro e deram sua embaixada como el Rey seu Senhor se alegrara muyto da sua emleição em boemea por que asy se alegrarya elle da sua em vmgrya e que desejaua muyto de ser seu amygo e bõo vezinho pidimdo-lhe muyto que tornamdo o turquo o quisese ajudar e socorer.

Item o Jfamte dahy alguũs dias os despedio demostramdo-lhes muyto quamto direito e Rezam tinha delle ser Rey de vmgrya e quamto mall fazia de asy o vsurpar e fazer o que fazia e que sobre sua embaixada tomarya comselho com todas suas terras e amigos e que depois lhe mamdarya a Reposta e asy os despedio.

Item como temos esprito a vosalteza o Jnfante e a Rainha de vmgrya sua Jrmãa tinham mandado chamar a cortes todolos Senhores primçepes da terra de vmgrya a hũua villa que se chama bosonya [3] onde ella estaa a quall he das que lhe sam dado em casamento na quall foram jumtos em xb (*quinze*) dias de dezembro todollos Senhores seus amygos do Reyno os quaes em xbj (*dezasseis*) do dito mes emlegeram o dito Jfamte por Rey de vmgrya em presemça de muitos grandes Senhores de boemea e daustrya e das outras suas terras com gramde trumfo e com esta emuiamos a vosalteza os nomes dos prinçepes Senhores

---

(3) Presburgo, antiga capital da Hungria. Em húngaro *Posony*.

que enlegeram o dito Jfamte e asy os que enlegerão o outro Rey bem que depois alguũs mais Senhores da terra se lamçaram da bamda do Rey nouo e asy os pouos que nom podem sofrer Rey estramgejro.

Item o Rey novo esta em buda principal cidade do Reyno tem hũa ambaixada do turquo comsyguo os comdes de carabata [4] que tem a mais forte terra do Reyno se lançaram com elle e outros muytos Senhores e asy o comde christouam [5] o que vem mall a proposyto pera o Jfamte por que sam gramde parte do Reyno.

Item o Ifamte como temos esprito a vosalteza tinha detreminado de se jr coroar a boemea em abrill e depois por alguũs jnconuiniemtes como lhe temos esprito se hia coroar em bj (*seis*) deste mes de Janeiro a hũa villa que se chama a prag [6] e he ja partido leua comsygo muytos dos Senhores vmgros que o enlegeram e asy outros de todas suas terras vay com gramde trunfo depois de seu coroamento segundo o secoro que achar nos boemeos e as vomtades dos Senhores de suas terras asy se governara sobre as cousas de vmgrya e mamdara a Reposta ajmda que elle agoarda se-

---

(4) Croácia, em croata *Hrvatska*. O nome indicado por Góis provém dos Crobatas, povo eslavo que no século V da nossa era se estabeleceu na Dalmácia ao serviço do imperador Heráclio, para combater os Avaros invasores.

(5) Personagem desconhecido.

(6) Praga, actualmente capital da Checoeslováquia.

gundo dizem por Reposta do emperador (7) se lhe quer dar secoro bem cremos que se as cousas de Jtalya amdam prosperas pelo emperador que lho dara porem este Rey nouo segundo esprevem he Riquo e posamte e tem muytos amygos e fortes terras por se a nas montanhas e fortalezas suas omde estara b (*cinco*) ou bj meses em que pez ao diabo porque sam terras de momtanhas muyto fortes e camsara e fara despender o Jfamte quamto tem.

Item Mamdou seus embaixadores a dieta Jmperial como temos esprito a vosalteza que se fazia a pedir lhes socoro na quall nom lhe acordaram nhuũ secoro pello presente tem ordenado outra dieta que se ha de começar em ij (*dois*) dias de fevereiro ajmda que pareçe a muytos que sera a pascoa e segundo espreuem nõ cremos que estam de proposyto pera lhe darem nhũa ajuda saluo a o turquo viese ẽ pessoa porque estes do Jmperio nõ no querem mor Senhor do que he e lhes pesa bem de ser ẽleyto Rey da boemea.

Item el Rey da pelonya (8) espreuem como se trabalha por fazer paz amtre o Jfamte e este Rey o que praza a deus porque serya gramde bem pera a crystyndade que se elles quisesem ajudar hũu ao outro nom averyam medo do turquo nẽ de

---

(7) Carlos V, rei de Espanha e imperador da Alemanha.

(8) Segismundo I (1506-1548).

nymgem nõ sabem se avendo gerra quall el Rey de pelonya querera ajudar porque elle foy casado a primeira cõ hũa jrmãa deste comde Yoã de beyda de que tem hũa filha e depois se casou cõ ha duquesa de bary (9) de que tem filhos e filhas asy que avemdo gerra nõ se sabe quall ajudara / elle esta muyto destruydo e poure porque os tartaros lhe fizerã grande mall folgara de estar ẽ paz.

Item do turquo ja temos esprito a vosalteza como deixou çerta gemte nas frõteiras e nos castellos fortes que tinha tomados de vmgrya nom se sabe tornara amtes nos espreuem de veneza como hũ brochão paremte do turquo cõ ajuda do cofy (10) fez ao turquo muyto mall e como muytos turquos e mouros erã de sua parte e que hia muyto avamte os venezeanos se temyã a causa de sua fazendas que tem ẽ damasquo e cairo e barute (11) e alixamdrja e outras partes lhas tomarẽ

---

(9) Bonne, duquesa de Bari, filha de João Sforza, duque de Milão.

(10) Esta alusão de Góis deve ser, talvez, referente ao seguinte facto ocorrido durante o reinado de Solimão, o *Magnífico*. Em 1526, como corresse na Ásia o boato da morte do Sultão, rebentaram revoltas em vários pontos do império turco, sendo uma das mais sérias, e a que mais trabalho deu para sufocar, a chefiada por Calenderberg filho de Haji Bectasch. Solimão mandou contra êle um exército comandado por Ibraim Pachá, seu cunhado, o qual derrotou e pôs em fuga as hordas de revoltosos.

(11) Beirute, cidade da Síria.

praza a noso Senhor que lhes de tamto que fazer a hũs e outros que deixem a crystimdade ẽ paz.

Item de Jtalya espreuem como o capitão mice jorge alemão ([12]) estava na Romana e faz o que quer tomarã parma por força matarã o capitam do papa e quantos estauão demtro dizem que vão a bolonha e outros espreuem que vão a florença o duque de borbom ([13]) mamdou prender em Millão todollos prinçepaes Riquos de que se temya os velhos meteo no castello e os mamçebos leua comsyguo e vay se cõ toda sua gemte a jumtarse cõ os alemães faram o que quiserem segundo amdão prosperos dizem por certo que o emperador tem em Jtalya oje em dia pasamte de l (*cinqüenta*) ou lx (*sessenta*) mil homẽs do viso Rey ([14]) espreuem como ate gora nom tem feyto nada com sua gemte e que se trabalha por fazer paz com o papa ([15]) mais que outra cousa parecenos que a fara porque nõ he tempo senõ que o papa faça de sy Rezam el Rey de framça tem mandado gramdes ẽbaixadores a Soiça a pidir lhes Rigo ([16]) x ou

---

([12]) Jorge Frundsberg (1475-1527), chefe dos alemães ao serviço de Carlos V nas guerras contra Francisco I de França.

([13]) Carlos de Bourbon, conde de Montpensier, condestável de França, que atraiçoou Francisco I, pondo-se ao serviço de Carlos V. Morreu no assalto a Roma em 1527.

([14]) Carlos de Lannoi, vice-rei de Nápoles.

([15]) Clemente VII.

([16]) Rijo, isto é, a pedir-lhes com insistência.

xij (*doze*) mil homẽs que abaixẽ em millão pera estrouar e emtrepresa dos alemães que nõ vão mais avamte temese que os sojços lho daram ajmda que agora estam mal acordados hũus com outros e ha muytos bamdos amtre elles veremos o que fazem cõ tudo amdão prosperos pello emperador e na verdade segundo a gemte que la tem nõ pode menos ser se desta vez a nõ senhorea a sua vomtade nũqua a senhoreara aquy ha mill profecias e Juizos que a de pasar este ano ẽ Jtalya os do Jmperio tinhã acordado de mamdar quatro ẽbaixadores a espanha ao emperador e nesta dieta os desfizerã dizemdo que ho emperador avia de pasar / del Rey de Jmgraterra ([17]) nõ se diz nada estaa ouujmdo ẽ que estas cousas param e asy fara.

Item as galles dos venezeanos que vem de barute sam vymdas as quaes trazẽ muyto poucas especearyas ou nada vem muy poures e elles dizem que ẽ alixandrya avia muytas especearyas muyta pimenta e das outras sortes prazera a deus que sera cõ estas as espeçearyas da quy pela nova do comtrato que dizem que vosalteza tem feyto alevamtaram todas a pimenta estaa em 29 dinheiros de boa moeda parecenos que cedo sobira a 30 dinheiros saluo se este feytor de Yoã francisco ([18]) quiser dar cõ ella no chão como fez da

---

([17]) Henrique VIII.

([18]) João Francisco dell'Affaitati (ou Lafeitate),

pasada outro Inconuinyemte lhe nõ vemos pelo presemte de quall quer cousa que se mais soceder espreueremos a vosalteza a quẽ noso Senhor acreçemte a vida e Real estado a seu samto serujço de Jnves [19] a bj (*seis*) dias de Janeiro de 1527.

Senhor beijaremos maos de vosalteza mamdarnos Respomder como nos hemos de Reger com este feytor de Yoam francisco que nõ quer pagar que em maa moeda em que vosalteza perdera muyto e os outros mercadores nos pagam todos ẽ boa moeda e tam bem nos mamdar Responder acerqua do abaixamento das moedas ẽ que trabalhamos e outras muytas cousas sobre que lhe temos esprito que compre muyto a seu seruyço como mais largamẽte vera per nosas cartas. — Ruy fernandez — Damyam de goes.

Corpo Cronológico, p.^{te} *I, maço 35, doc. 64* (Publicado no «Archivo Hist. Port.», vol. VIII, págs. 21-23).

II

CARTA DOS FEITORES DE FLANDRES A D. JOÃO III

2 de Outubro de 1528

S.or As nouas de Itallya bem cremos que vo-

---

banqueiro italiano natural de Cremona e residente em Lisboa. Teve vários contratos com a Fazenda de 1508 a 1514 para a compra da pimenta.

[19] Anvers.

salliteza as tera ja sabidas e por tanto nã allargaremos muyto nellas, os do emperador que estauão em Napolles, auertidos da mortindade dos franceses a causa da peste e como estauão mall tratados e que se queryão retirar sairão fora em xxbiij *(vinte e oito)* dagosto dizem obra de bj ou bíj [mil] homẽs e derão no campo dos franceses que se retirauam para Manfrandona [20] e Capua e os desbaratarão e tomarão a artelharya e matarão muytos o marques de Salluce [21], que era capitão jerall foy preso e outros muytos e o conde Nauarro [22] morto de m^ra que espreuem que poucos escaparão e se forão a Saona [23] dizem que Ix (*nove mil*) homẽs que a lyga [24] tinha nõ se

---

(20) Manfredónia, no gôlfo do mesmo nome sôbre o Adriático, na província da Apúlia.

(21) Miguel António, décimo segundo marquês de Saluces (+ 1529), nomeado comandante das tropas francesas que operavam contra Nápoles, depois de o Marechal de Lautrec ter morrido de peste.

(22) Pedro Navarro (+ 1528), general espanhol que que em 1512 passou ao serviço de Francisco I de França em virtude de Fernando o *Católico* não ter pago o seu resgate após ter sido aprisionado na batalha de Ravena. Mais tarde morreu na prisão do castelo d'Œuf, onde tinha sido encerrado, diz-se que estrangulado por ordem do Imperador.

(23) Savona.

(24) A famosa Liga de Cognac, conhecida pela «Santa Liga», constituída pelo papa Clemente VII, por Florença, por Veneza, por Sforza e por Francisco I contra Carlos V.

achão llj ou iiij (*três ou quatro mil*) e que em Xide (?) morrerão xxbj (*vinte e seis mil*) pesoas de peste e da batalha e que morrerão todos hos cauallos e bestas que he cousa despanto o que dizem dos emperyaes tambem são mortos muytos espreuem que de toda gente que foy a Roma nom se achão mais que b ou bj (*cinqüenta ou sessenta mil*) pesoas muytos dizem menos, as galles dAndre Dorea ([25]) estauão em Gaiete sabendo os franceses da rota se retirarão a armada do mar os venezeanos a Veneza e os francezes a Genoa onde não poderaom entrar Andre Dorea os segia e antes que se acolhesem ao porto tomou quatro galles de franceses e se tornou a Genoa onde tanto que chegou fez alleuantar ha cydade e lançar os franceses fora de maneira que ficão em liberdade Monsn. de Sam Pol ([26]) que estaua em Lombardia com muyta gente e andaua prospero nom se temendo de nynguẽ e tambem por fallta de mantimentos partio sua gente em tres partes por serem milhor prouidos. Antonio de Leyua ([27]), que

([25]) André Dória, o famoso almirante genovês ao serviço de Francisco I, e que, em virtude dêste lhe não pagar e ordenar que o prendessem por reclamar os salários em atraso, se passou para o serviço de Carlos V.

([26]) Conde de Saint-Pol, general de Francisco I.

([27]) António de Leyva (1480-1536), conde de Pavia, generalíssimo de Carlos V nas guerras de Itália. Vencedor do conde de Saint-Pol na batalha de Landriano (1529) e conquistador de Milão (1535).

estaua em Millão, teue suas espias e sayo de noyte e deu em hũa das bandas e os desbaratou e tomou a artelharya e toda a carryagem e dinheiro. Dizem que monseor de Sam Pol he preso; nom se sabe de certo, que tem desbaratado hũa banda dellas he certo; cada ora aguardamos por mais certeza. O duque de Bromsoyque [28] com sua gente que foy os dias passados a Itallya, como lhe temos esprito, tudo he desfeyto he tornado Allemanha e com parte da gente por fallta de mantimentos e de pagamento a outra morreo lhe lla e este Antonio de Leyua tomou obra de ij *(dois mil)* delles parecenos que Ds *(Deus)* nom quer dar a vytorea ao emperador com força de gente. Asy que as cousas de Itallya vão prosperas por o emperador ẽ grande maneira quiz Ds que elRey de França pague quanto mall tem feyto, elle esta em Parys e não muyto contente destas nouas comtudo manda agora fazer mais gente de nouo vay toda a reste de sua nobreza e o duque dallbanya [29] por capitão jerall e todos os seus pryuados e o allmyrante pasão cremos que farão a fym que fezerão os outros pois Ds nom he por elles. Ja vosalteza sabera do desafio delRey de França o arauto veo a Parys e foy bem recebido delRey

---

(28) Henrique, duque de Brunswick-Wolfenbuttel.

(29) John Stuart, duque de Albany, vice-rei da Escócia e mais tarde ao serviço de Francisco I, que lhe entregou o comando do exército destinado a investir contra Nápoles (+ 1536).

e dos grandes não o quys elRey ouuir por que nõ trazia percuração do emperador nem carta de crença tornou por ella, nõ sabemos se tornara. ElRey de França dizem que fez hũa falla aos nobres e pouos dizendo que tudo o que o emperador dezia nõ era verdade e que numqua lhe dera sua fee e sua may por o ver fora prometeo de dar Brogonha e outras cousas mais elle que não e que tudo lhe fezerã fazer por força que elle era contente de paguar huũ resgate grande como Rey de França e que o emperador nom queria senão destroillo pedindolhe que o ajudasem que elle esperaua em Ds. de se defender delle e outras mais cousas: tudo sam manhas pera ganhar tempo: veremos o em que para e na verdade pois desta vez não pode fazer nada em Napolles tendo tanta gente ja por rezão deue deperder a esperança estes venezeanos e duque de Ferrara e frorentyns o nõ leixão em paaz cremos que se elles nom fosem que deixaryão tudo ja. De paaz nõ ha qua nenhũa noua por o presente. Ds a ordene.

A tregoa nestas partes se tem firme e se comonyquã bem huũs cõ hos outros, pello quall a mercadoria tem huu pouco de despacho todavia esta gerra destes gelldreses (30) fazem muyto mall andaom agora em fazerem pazes com elle crese que se farão o que sera grande bem pera

---

(30) Os habitantes do condado de Gueldres, nos Países-Baixos, revoltados contra Carlos V.

estas terras e pera o curso das mercadorias porque poderão ir seguramente Allemanha e a França e outras partes o que agora nõ fazem. As cousas de Allemanha estão bem e pacificas elRey dom Fernando ([31]) esta em Boemea quer lançar huũ trebuto nouo no Reyno sobre as mercadorias; nom lho querem os pouos comsentir; nõ sabemos o que fara. Em Vmgrya nõ esta tudo bem; os vmgros estam mall contentes dos gouernadores e chamão por ElRey sera força que vaa lla pera pascoa en todas maneiras he de temer que avera allgũ mall por que entrementes o seu contrato viuer nom ade estar seguro do Reyno elle esta com elRey de Polonya, o quall trabalha por fazer seu apontamento; parecenos que não aproueita por que elRey nom quer ouuir fallar nelle asy que as cousas da Vmgrya não estão bem, pelo quall o despacho das especyaryas perece e vallem pouco crea Vosallteza que entrementes esta Vmgrya naom esteuer em paaz que numqua as especyaryas amde ter muyto despacho e digua cada huũ o que quyger que esta he a verdade.

De Ingraterra nom se diz nada faz *boa*

([31]) Fernando I de Habsburgo.

([32]) «Esta expressão encontra-se também no processo inquisitorial de Goes. — Diz elle n'um depoimento que a sua casa era uma estalagem de extrangeiros a quem fazia *bona xira*» (Nota de Viterbo). Do francês *bonne chère?*

([33]) O Cardeal Wolsey, omnipotente ministro de Henrique VIII.

xira (32) (o cardeal (33) esta vendo como se matão) o cardeal de campello (34) he aaribado a Imgraterra que vem por o Papa com mill apontamentos: praza a Ds que faça allgũa cousa boa. O papa esta firme namizade do emperador tee agora. Daquy pera avante nom sabemos o que fara, em se socedendo quallquer cousa espreueremos a Vosallteza a que noso Senhor acrecente a vyda e reall estado a seu sãto seruiço. De Invez ij dias de oytubro de 1528. Jorge de Barros. Ruy Fernandez. Damiam de Goes.

Corpo Cronológico, p.te I, maço 18, doc. 111 (Publicado por Sousa Viterbo, in-«Estudos sôbre Damião de Gois», 2.a série, doc. n.º 11).

III

CARTA A D. JOÃO III

Sõr

Per outras temos esprito a Vosalteza como o Duque de Gelldres (35) fazia a gera a esta casa o quall era alliado d'El-Rey de França que sempre o socoreo e ajudou de maneira que esse Duque deu

---

(34) O Cardeal Campeggio, legado de Clemente VII a Henrique VIII para solucionar a questão do divórcio do Rei e de Catarina de Aragão, sua mulher, que se queixara ao Papa. Como se sabe, foi êste facto que ocasionou o cisma religioso em Inglaterra, precursor do estabelecimento da religião reformada naquele país.

(35) Carlos de Egmont, duque de Gueldres (1467-1538).

sempre que fazer a estes e lhe fez per vezes asaz de dano de que vinhão grandes perjuizos a estas terras pryncipallmente porque as mercadorias nom podião pasar por Allemanha, França e outras partes por ter suas teras nas fronteiras. Isto ha muyto tempo que dura e depois que fezerão estas tregoas pasadas esta casa com França e Ingratera nas quaes elle nom quis emtrar cuydando daver socorro como soya estas teras lhe fezerão a gera como temos esprito a Vosa Alteza rigamente [36] e lhe tomarão quatro ou cymquo villas de maneira que o tratauão mall e com esta vinda de Monsior de Benrey [37] que trouxe estes espanhois vendo elle que as terras estauão determinadas de lhe fazerem a gera e que lhe nom vinha socoro nenhuun de França começarão de contratar os de qua de tall maneira com elle que são vindos em apontamento e paaz preprepetua *(sic)* com esta casa os capitollos pryncipaes são que elle deyxa alliança de França e depois de sua morte nom tendo filho deyxa a tera ao emperador e agora o faz erdeyro como Duque de Barbante e Conde dOllanda e avendo filhos ou filhas que o emperador seja seu tutor delles e os case com seus filhos ou filhas ou com hos dEl Rey de Omgrya

---

(36) Rijamente.

(37) Trata-se, talvez, de Florêncio d'Egmont, conde de Buren (1469-1539), primo do duque de Gueldres, e que ao serviço de Carlos V reprimiu nos Países-Baixos a revolta que lavrava contra o Imperador.

esses lhe tornarão as quatro villas que lhe tinhão tomadas salluo hua que esta na fronteyra da tera que fica ao emperador e lhe dão oyto mill cruzados de pensão cadano que he outro tanto como tinha dEl Rey de França e o fazem capitão de L.ta *(cinqüenta)* lanças grosas que Monsior de Rauastem [38] que Deus aja tinha e outras cousas de maneira que elle fez boom apontamento e estes desta casa muyto melhor o emperador ganhou desta gera as teras do bispo de Uterque [39] e mais destas do Duque de Gelldres e mais as teras de Frisa o que tudo he hua cousa muyto boa e lhe vall não mais de lxx *(setenta)* cruzados de renda e mais suas ajudas e mais que estas teras se referão e emriqueçerão grandemente porque agora nom tem medo de ningem este doente já não tem filho nem filha sempre fez gera a esta casa e na verdade numqua estes lhe fezerão como agora elle mandou pedir socorro a El Rey de França nom lho mandou as terras e os vendo que se perdião quygerão que se desfezesse daliança de França pois lhe nom tinha tanto tempo avia o que lhe prometera pelo quall com justa causa deyxou alliança e fez esta paaz ade vir residir nesta corte nese que ho emperador lhe fara merçê e que follgara muito desta paaz e na verdade pera estas

---

[38] O senhor de Ravestein Desquerdes, nobre francês da côrte de Luís XII de França.

[39] Utrecht.

terras nehua cousa lhe podera mais bem fazer que ysto de que todos estam muito ledos e contentes as especyaryas a causa tambem o sentirão porque daquy peravante terão muito melhor despacho per que poderão ir pera todas partes que he grande bem seguramente.

Item. De Itallya os franceses estam desbaratos em Napoles e fora todos do Reyno per apontamento que fezerão com ho principe dOranja como Vosalteza tera sabido monsior de Sampol esta na Lombardia (40) prospero e tem tomada Pauia por força e queymada de todo matou toda a gente darmas que achou dentro dizem que queria ir sobre Genoa a quall esta alleuantada por a lliberdade de que Andre Dorea he capitão tem tomada muita gente dizem xij *(doze mil)* peõis pera guarda da tera e segundo estes Genoeses dizem nam tem medo aos franceses agora dizem que Monseor de Sampol se retirou hun pouco o que dixerão os dias passados que Antonio de Leyua tinha desbaratada hua das bandas do Monseor de Sampol nom foy verdade elle esta em Millão forte asaz pera resistir á guarda do que veja a sua. El Rey de França manda o Duque dAllbanya com b^e *(quinhentas)* lanças e toda a reste de sua nobreza a Itallya pera ver se pode tomar Genoa allguns dizem que faz todas estas forças pera ver se pode decer o emperador que torne ao apontamento der-

(40) Veja a Carta II.

radeyro pois não ficou atraz senom por El Rey de França nom querer retirar seu campo de Itallya a may dEl Rey [41] e madama Margarida [42] tem alguuas intelligencias de que esta madama de Vandosina [43] he a medeaneyra com sua pesoa que ho cardeall de Imgraterra [44] mandou nom sabemos o que farão molheres são.

Item. O Cardeall de Sampello esta em Imgraterra [45] e lhe fezerão grande festa dizem que vem por pazes e tambem afirmar que El-Rey se nom pode descasar veremos o que faz outra cousa nom se diz nouo em vendo allgua cousa espreueremos a Vossallteza a que Noso Senhor acrecente avida e real estado a seu santo seruiço de Invers xiiij de oytubro de 1528.

---

(41) Luísa de Sabóia (1476-1531).

(42) Margarida de Áustria, condessa de Borgonha, tia de Carlos V e regente dos Países-Baixos.

(43) Não me foi possível identificar esta personagem, apesar dos meus esforços. Nem com êste nome, nem com outro aproximado aparece nos escritores que mais pormenorizadamente tratam dêste período agitado, como Sandoval, Heiss, Robertson, Mexia e Calmet. Henri Martin, tão prolixo em pormenores na sua grande «*Histoire de France*», e Lavisse e Rambaud, também minuciosos, nada dizem sôbre qualquer intermediário ou testemunha ocular das conferências entre a mãe de Francisco I e a tia de Carlos V. É natural que as crónicas francesas coevas alguma luz possam fazer sôbre o assunto, mas essas não me foi dado consultar.

(44) O cardeal Wolsey.

(45) Vide Carta II.

Senhor aquy dizem como são saidas de França muytas naos darmada e cada dia saiem mais todas se vão lla roubar e tambem dizem como monsior de Nabal ([46]) gouernador de Bretaynha tem avydo d'El-Rey de França nouamente hua carta de marca sobre vassallos de Vossallteza de lxx *(setenta)* cruzados ([47]) cremos que ho embaixador o tera esprito daqui peravante nem deyxarão nao que não tomam e portanto mande vir a frota a recado Noso Senhor a tragua a salluamento çedo. Jorge de Barros, — Ruy Fernandez — Damyam Degoes.

Corpo Cronológico, p.te I, maço, 19, doc. 12. (Publicada por António Baião nos «Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa», vol. I, pág. 39).

IV

CARTA A D. JOÃO III

Sõr

Per esta armada mamdo as cousas que per suas imentas mandou pedir aquellas se poderam achar, e a tapeçarya tenho toda mandado fazer por se nam achar nada feyto: os doze meses se

---

([46]) Personagem desconhecido.

([47]) Sôbre as piratarias francesas no século XVI deve ver-se a magnífica introdução do douto Visconde de de Santarém ao tomo III do «*Quadro Elementar*», pág. LXVI e ss.

fazem per os patrões [48] que me vosalteza esprevueo, os quaes patrões custarão mais do que mamda per sua comisão por quamto quer que os patrões se rompam acabada a obra, a que os tapeceiros fazem cimquo... de deferemça a lhes ficarem os patrões ou os deixarem e tudo ysto custaram mais os ditos panos e espero que sejam taes que vosalteza leve delles gosto porque os patrões se fazem per mão do milhor oficial da terra, o qual tira e poem nelles ho necesareo. Os doze panos tenho tambem mamdados fazer e asy os Reposteiros e coxis e dado sobre tudo de synal caige cem... de grosos.

As cousas que mamdo vera vosalteza per a conta que mamdo a Charles Amriquez e asy o perço dellas (a folha da Ilumynadura vay asaz bem ffeita) e asy mamdo mais hum dos lyuros que qua tem mamdado fazer: a letra nom he tam bôa como soya a ser por que o espriuam moreo a ja dias e o que agora espreve he seu filho que lhe nam chega com gramde parte e na terra nom ha outrem que o faça tam bem como elle. Ho outro lyuro se fora esprito tambem o mamdara porque as folhas ja sem Ilumynadas, como for esprito logo ho mamdarey.

eu tenho emposto mestre symão [49] em ser ja

---

[48] Padrões.

[49] Simão de Brujas, conhecido por Simão Beninc, grande artista iluminador que viveu durante o século XVI.

desfeyto de quamtas obras tinha e nam querer tomar obra de nynguem por lhe ter dito tera asaz que fazer neste lyuro de vosalteza em dous anos elle esperava agora por tres ou quatro folhas do menos e nam veo mais que hũa pelo que estaa muy mal comtemte de mym: eu o sostenho com palauras porque crea vosalteza que se sembaraça com outras obras que nunqua jamais fara a fim do lyuvro e por yso veja a maneira que nyso quer que se tenha: a dita folha veo por hum cabo toda molhada e gastada dagoa coreger se ha o milhor que for posyvel, noso Senhor acrecente os dias da vida e Real estado de vosalteza: de Inves a xxii dias do mes dagosto de 1530. Damyam de Goes.

Corpo Cronológico, p.te I, maço 45, doc. 107 (Publicada por Guilherme Henriques nos «Inéditos Goesianos», vol. II, pág. 144; e por Joaquim de Vasconcelos, em «Damião de Goes», pág. 111).

V

CARTA A D. JOÃO III

Sõr

per hũ coreho que chegou a imves ha xxii dias deste mes receby hua carta de vosa alteza, na quall manda que somemtes se façam hos panos dos doze mezes porque dos outros já nam tem nececidade, eu como lhe sõr espreuo pola frota Recebydas suas cartas loguo mamdey fazer asy

hos dos doze meses como hos doze panos grandes e Reposteyros e coxis e sobre tudo tenho dado quasy cem es... *(escudos?)* de grosos de synall, pelo qu enom sera bem fayzable se deyxarem de fazer; eu creho que depoys que vosalteza hos vyr feytos folgará de niso ter despeso dinheiro, porque os patrões per qu ese fazem eu hos vy e sam muito bons: pela frota mamdo has cousas que me vosa alteza mamdou pedyr, e asy hũa folha que qua estava ha Iluminar que he ho começo do lyuro, e asy hum dos lyuros Iluminados, e ho outro nom vay por ha espritura nom ser ainda acabada que a Iluminura ja ha tenho em minha mão.

de Jam carlos [50] tenho Recebydos hos quatrocentos cruzados que me per sua letra mamdou, e assy Receby mais de Jorge lopez [51] pela comta dos trezemtos mill reis que me nele manda dar loys Ribeyro seu thesoureiro, outros quatrocemtos cruzados de que lhe tenho dado tres conhecimentos: pela armada espreuo a vosa alteza como pera sacabar de fazer toda a tapecearia avera mister ainda mill cruzados alem de tudo ho que me qua manda dar por que hos quatrocentos cruzados de Jam Carlos se despenderam quasy todos nas cousas pera sua guarda Roupa como vera per ha comta que mando dyso a cherlez amriquez pela frota e somentes me fiquam pera tudo hos tre-

---

[50] Mercador.

[51] Mercador.

zentos mill reis: noso s.^{or} lhe acrecemte hos dyas de vyda em Reall estado. de aõstradama ([52]) ha os xxbiii *(vinte e oito)* dias dagosto de 1530.

Damyam de goes

Corpo Cronológico, p.^{te} I, maço 45, doc. 113 (Publicada por Guilherme Henriques, nos «Inéditos Goesianos», vol. II, pág. 145; e por Joaquim de Vasconcelos, em «Damião de Goes», pág. 113).

VI

CARTA A D. JOÃO III

Sõr

estando de todo prestes pera me jr nesta armada me socedeo inconveniente de maa djsposiçam de mjnha molher, e de sorte q nẽ cõ honra nẽ bom grado de deos nẽ do mvndo a poderya pella presente deyxar, assy sõr q poys nesta detremynaçam não sayo aguora em efeyto, sera se a deos praz e mo a morte não estrouar o mays cedo q posyuel me for poys vosa alteza disto tem vontade e gosto.

dos negoceos desta terra e feytoria tenho per m^{tas} vezes esp^{to} a vossa alteza, sem aver resposta do q per cõjetturas cuido q ou o q espvo não he digno de reposta, ou q vosa alteza não tem per seu seruiço espreuerlhe eu, que he a causa per q o m^{tas} vezes não faço / contudo jsto alembro a

([52]) Amsterdão.

vossa alteza como lhe jaa outra vez espuj q nẽ sua honra nẽ prouejto he mandar nenhũas especearyas fora desse reyno per sua conta, nem fazer cõtratos çarados ([53]), q dahy procede emriquecer toda europa dos bẽs de vossa alteza, e esses reynos e vossa alteza emprobrecerẽ / e quem o contrairo haconselhar ou o entendera mal ou o fara per seu particular proueyto / q este he o que cega os homẽs / e destruj os reynos e prouincyas / e se vossa alteza qujsesse por jsto em obra, não faltarião remedios pera se curarẽ as chagas q sam feytas de tamto tpo, ao q meu seruiço está tam prestes como o vossa alteza pode crer, e o a razão e obrygação quer /.

o emperador alem das merces q me fez e cartas de represarias q me deu contra francezes pellos seruiços q lhe fyz em lhe cõ mjnha prisão saluar a vylla de louvain me tem dadas hũas armas pera mynha honra e dos q de mj vyerẽ das quaes mando o blasom e pintura a meu jrmão frujtos de goes / beyjarey as mãos de vossa alteza me querer fazer a mercé de mas confirmar / q seja ocasyam de mjnha molher tomar mor anjmo de sse jr a esses reynos e a seus parentes de a dey-

([53]) Expressão cujo sentido exacto me não foi possível obter, embora tivesse consultado bastantes obras da especialidade. Os próprios vocabulários de têrmos arcaicos, como Viterbo, Bluteau e outros, nada elucidam. Será *contratos cerrados?* Sendo assim, ¿qual será o sentido da expressão?

xarẽ jr / e quamto as mais mercés q de vossa alteza espero, me remeto aqujlo q lhe parecer seu serujço, que eu outra cousa não quero / nem o jmportunar mays avante / nosso sõr acrecente os dias de vyda e real estado de vossa alteza de Envers a ij dias de julho de 1544 = Damyam de Goes.

Corpo Cronológico, p.te I, maço 75, doc. 18 (Publicada por Guilherme Henriques, in-*ob. cit.*, vol. I, pág. 93).

VII

CARTA A D. JOÃO III

Sõr

Por o emperador per algũs respeitos deseiar mto saber a verdade do çerquo de louuain, onde fuj preso, do q eu fuj a mjlhor testemunha por a tudo o que se entam passou ser presente, detreminey lhe fazer hũa oraçam em que recitase assy o caso do çerquo como de mjnha prisaõ, a qual oraçam mandey aguora nouamente jmprimir em lixboa [54], e a mando a vossa alteza como primeiro frutto do trabalho q de meus estudos nesses reinos naçeo, esperando em deos naçerem daquy ao diante outros de que os mesmos reinos e terra não tam sómentes senão descontentem, mas ajnda alcançem de meus estudos gloria.

Sõr. eu fuj a lysboa avera oyto dias e tor-

---

[54] «*Vrbis Lovaniensis obsidio*». Olisipone, 1546.

neime sem querer acabar ao q hia porq presente nao tomasse mais desgosto de duas cousas q vy das quaes hũa foy ver tomar a dous mercadores hestrelins (55) q trouxeraõ triguo de brema (56) a cjdade o drº q no dito pão fizeram, o

---

(55) Nome por que eram conhecidos os flamengos, e cuja tradução parece ser a de «homens de leste». Crê-se que foi do nome dêles que se originou o de *esterlino*, dado hoje à libra em ouro. Na Idade-Média chamava-se *sterling* ao *dinheiro* de prata, a principal moeda inglesa de então. Du Cange, no seu «*Glossarium*», tom. III, palavra «Esterlingus» diz: *Postrema denique super vocis etymo sententia, quam amplectuntur Cambdenus in Scotica, Spelmannus, Jacobus Waræus in Antiq. Hibernic. cap. 25. & alii, ea est quam ex Annalibus Anglicis erutam scribunt, à Germanis scilicet Daniæ vicinis, quos ab Orientali situ,* Esterlingos *appelamus,* Esterlingus *nummos nuncupatos: seu, ut in iidem Annalibus habetur quod ii in Angliam aliquando venientes artem purgandi argenti & feriendi intulerint: vel (quod mihi videtur probabilius) quia Normanni nostri, ut primum in Anglia sedem fixerunt, Willelmo Notho duce, veteres regionis incolas, origine Saxonixos, nulla alia denominatione donarent, quam ea quæ apud Francos in usu passim habebatur,* Esterlingorum *nempe, qua appellatione ii Germaniæ populi, qui in Daniæ confiniis habitabant, vulgo innotescebant.* E mais adiante continua: *Jam vero Saxones Germanicos, à quibus originem duxere Anglici,* Osterlingorum, *seu* Esterlingorum *appellatione Scriptoribus nostris innotuisse, probant plus satis Annales Francorum veteres, qui ita dictos observant quod ad austrum, seu ad Orientem habitarent, aliorum Saxonum respectu, qui ad Septentrionem & ad Occidentem vergebant.*

(56) Bremen.

qual leuauaõ consiguo por ao presente não acharẽ mercadorias na terra de q lhes parecesse q na sua poderiam fazer proueito / he verdade q na ley do reino defende q pera fora delle se nam tira d[ro], mas devia-se de desimular com quem em tal tpo nos vem de tam longe matar a fome, e naõ espantalo e agraualo pera naõ tornar mais nem deixar tornar nem vir seus vezinhos por q nas leis ha m[tas] excepçõis per que se ham de usar mais pera por espanto q não pera fazer exucuxom / — ho outro foy ver, estando a cjdade chea de pão e nam aver quasy logeas pera o meterem, em hũ dia aleuantar de nouenta reis em que estaua o mjlhor triguo, a cento e cinquoenta, que parece cousa de grande descujdo no gouerno da cydade, ou pouca proujdencia pera q as taes cousas naõ cometerem. quiz disto avisar vossa alteza pera q proueia no bem de seu pouo. nosso sẽnhor lhe acrecente os dias de vida con todo seu real estado /. dalamquer aos xiij *(treze)* de julho de 1546. = Damyam de Goes.

Corpo Cronológico, p.[te] I, maço 78, doc. 37 (Publicada por Guilherme Henriques, in-*ob. cit.*, vol. I, pág. 94).

VIII

CARTA A D. JOÃO III

Eu trabalhei tudo o que me foi possivel, para que antes da partida de Vossa Alteza, se pozesse

ordem no negocio da Torre do Tombo; e por se a isso naõ dar nenhum talho, escrevi depois a Vossa Alteza: E porque até agora naõ tenho nenhuma Resolução, torno a fazer o mesmo, e isto por cauza dos clamores, e queixas, que cada dia aqui oiço das partes, às quaes não posso dar os despachos, que me requerem, tanto pelo Regimento me não ser ainda entregue, como por Affonso de Miranda, que lá está, ter ainda em seu poder huma chave, sem a qual eu não posso entrar na Torre, nem fazer o que cumpre a serviço de Deos, nem de Vossa Alteza.

Vossa Alteza me remetteo, muitos dias antes que partisse, a Fernão d'Alvares, pera com elle despachar as coizas de que tenho necessidade, para o serviço da Torre, a qual lembrança o dito Fernão d'Alvares, como me disse, não fez a Vossa Alteza, nem lhe leo hums Itens, que lhe sobre isso dei. E por que esta Caza não pode estar, sem se della quando cumprir fazer relação a Vossa Alteza, lhe peço por merce, que de licença a Andre Soares, para lhe nisso fallar, quando cumprir.

Alembro a Vossa Alteza, que antigamente se costumava a dizer cada dia huma Missa na Capela destes Paços, a qual se não diz ja, de que todos quantos aqui habitamos, recebemos grande desconsolação; e por caso deste Officio Divino se não fazer como soia, se perde de todo a dita Capela, e chove nella como na Rüa, de sorte que em bem pouco tempo acabará de cahir de todo.

O serviço de Vossa Alteza, e proveito de sua Fazenda, me são por muitos respeitos obrigatorios, e pois agora por bom e verdadeiro conselho tirou a estes Reynos de todo todallas dividas de Flandres, como pessoa desinteressada digo a Vossa Alteza, e lhe peço pelo que toca a seu serviço, e bem e honra destes Reinos, sobre a qual em diversas partes da Europa, e com diversas pessoas tive muitas praticas e debates, que por modo que seja consinta se fazer Contracto serrado, para o qual ja muitos fazem liga, com intenção de outra vez tomarem Vossa Alteza entre talas, e o fazerem dever fora destes Reinos, o que dantes devia, por que desta parte se tem toda a Europa feita rica. Vossa Alteza tome este parecer deste seu pobre, e leal criado: E pois o tempo está no proprio ponto de se poder fazer, mande abrir a Casa, vender de contado, e não perca tamanha occasião, por que deste modo o Reino será farto, rico, e abondoso de todallas Nações, e mercadorias do Mundo. Nosso Senhor accrescente os dias de vida, e Real Estado de Vossa Alteza. De Lisboa aos 15 dias de Fevereiro de 1549. = Damião de Goes = Pera ElRey Nosso Senhor.

Corpo Cronológico, p.[te] *I, maço 82, doc. 53.* (Publicada por João Pedro Ribeiro, in «Dissertações chronologicas, e criticas», tom. I, doc. XCV do Apêndice).

IX

CARTA À RAINHA D. CATARINA

Senhora = Como jaa escrepvi a V. A. ha dias eu sam entregue de alguns livros de sua Recamera e Fazenda, e pareceo-me por meu descarguo cousa necessaria mandar-lhe disso hua memoria, qual vay com esta Carta, e nella verâ quam pouqua he a livraria, e scriptura que recebi, e ha grande cantidade, que se deve ainda dentregar se nam he perdida, que ha meu juizo he muita, e pois V. A. leva gosto de tudo isto andar junto, e estar concertado na Torre do Tombo, deveria de mandar saber de seus Officiaes, donde procede faltarem tantos livros, e se hos ainda hom lá, mandar que se entreguem.

Ha maneira pera os almareos, onde esta livraria de V. A. ha destar, ha jaa muitos dias, que he acabada de lavrar, e nam se assenta, por eu nam poder ir, nem entrar na Torre do Tombo: ha causa disto he ter Affonso de Miranda Contador, que está em Santarem com os Contos, hua chave della, ha qual nam pode dar sem mandado d'ElRei. V. A. faça, que pois jaa das cousas particulares do Tombo de todo se descuida, que ao menos com has Partes se tenha conta, e se aja dellas misericordia, e se dê modo com que possam aver os despachos, que me vem requerer.

Nosso Senhor acrecente ha vida e Real Estado

de Vossa Alteza. De Lixboa aos XV dias de Fevereiro de 1549 = Damiam de Goes = Para Rainha Nossa Senhora =

Real Arquivo, Gaveta 2, maço 11, doc. 3. (Publicada por João Pedro Ribeiro, in *ob. cit.*, tom. IV, parte I, doc. XII do Apêndice; e por Sousa Viterbo, in «Estudos sobre Damião de Goes», doc. VIII).

X

CARTA PARA D. JOÃO III

Sõr.

Se no atrevimento desta lembrança q lhe mando couber erro, delle peço ha V. A. perdam e se for em bem de seus Reinos mãde poer em obra ho q lhe della pareçer.

Dizem sõr que quer V. A. aguora de novo mãdar (qunhar) moeda, q he cousa em q hos reis cuidam sempre (em seu) proveito, mas sai lhes m.^tas^ vezes hao contrairo (perque a) novidade das moedas he mais dapnosa e periuizo (destes) Reinos q ha guerra porque desta saem m.^tas^ vezes... e amizades e da outra se segue ha carestia de mantim.^tos^ e fructos da terra e asy das mercadorias naturaes como estrangeiras, ha qual carestia... vez faz pee mingua he mais de todo desarreigua...

Elrey Dom Fernando destruio mais estes Reinos e grãdes averes q achou dos Reis seus ante-

çessores com fazer muitas moedas noovas e maas que com has guerras q teve com Castella porque das guerras ouve fim mas do preço q... tinhão e por fim has taes moedas pella maa ley dellas... em pouco tempo se anularão e apagarão com muita perda dos... q has possuião.

Se V. A. quisesse fazer boa moeda seguirseia della esta soo perda de se tirar pera fora do Reino porque hos mercadores não buscão senão proveito e se nas terras donde tractão não acham mercadorias de q tirem moor ganho q do dinheiro deste fazê suas carregações, e este he o menos mal q pode proçeder do emnovar das boas moedas porq não recebe ho Reino outra perda q tirarem delle ha tal moeda com fiquarem has mercadorias porq se deu q he troqua de hu aver por outro.

V. A. saiba q ho emnovar das moedas e variar dellas fiqua sempre por taxa ordinaria e geral do preço das cousas e isto lhe direy q sendo moço ouvi dizer ao duque de Bragança depois que veo da tomada dazamor nestes paços de Lisboa, (meu) pay que sancta gloria haia, quando mãdou fazer hos meos... que foy perguntando-lhe S. A. que lhe pareçia da tall... dizer lhe que lhe parecia mal, porque huas luvas... que valem aguora trinta rs. dixe elle, se han dapreçar em meo tostam e asy foy porque loguo... correrão (?) ha l.ta (*cinqüenta*) rs. e aguora valem oitenta e o mesmo he em todallas outras cousas.

...que V. A. não estaa em tempo pera poder

mãdar fazer moeda que responda em ley, liga, e valia cõ has passadas, posto que do mesmo peso, pois pera a fazer maa, seria melhor... ho Reino como estaa e não se moverem mais novidades pera perda de seus vassalos e sugeitos porque posto que V. A. aguora faça nisso algum proveito por tempo ha grande perda que se haos seus ha de recreçer lhe ha de toquar a elle... solido e ha de ser deste modo que a quem tanto vençeo ha cobiça que mandou per mercadoria ha estes reinos moeda tam pesada como sam hos pataquões de cobre que se não podem mover sem m.^to^ trabalho pera nisso fazer ganho jnlicito que m.^to^ mais se movera ha mandar *cruzados* que volumão m.^to^ pouquo e se pode tirar de hua nao em hum dia cem mil sem se sentir *hos quaes sendo da ligua, ley e valia dos que V. A. dize que quer aguora mandar fazer,* correrão pello Reino por naturaes porque do cunho se não ham de conecher... quanto ha liga e ley ho ganho ha de ser tamanho... tudo hos farão jguaes e semelhantes ha estes... e ham dentrar nestes reinos tantos deses cruzados quasy não se achara outra moeda do que se recreçer... pello descurso do tempo acharem se todallos vassalos e sugeitos de V. A. enganados e defraudados em dobro de suas fazendas porque querendo se ajudar da tal moeda pera seus usos... ho que cuidar que tem hu cruzado de seu se achara cõ... rs e des hay pera baixo do que V. A. não pode receber senão p(erjuizo) porque ha perda do seu povo hà

de reputar por sua... que has cousas do tracto da mercadoria, a dos mãtim.tos... sem mesmo por caso da novidade das moedas... has moedas tomarem ho seu curso ordinario... Deus concede tempos prosperos, fartos e pacificos... aquillo que se comprava por hu cruzado de maa moeda... por quinhentos rs. de boa moeda s. pellos... então caberão ha valia do mao cruzado e... hã daiuntar pera fazer iiijc (*quatrocentos*) e cento que se... e baixa da maa moeda que fazem asy ho... que sera tudo mais caso do acostumado ha... he tamanha que vem ha fiquarem hos homens... do dinheiro que pusuião e cuidavão boa...

Esta lembrança me pareçeo bem fazer ha V. A. e lhe... que seria milhor negoçeo alevantar has moedas douro e prata asy estrangeiras como do Reino que sera causa dentrar m.to dinheiro na terra pello ganho que se nelle fará e deste modo V. A. achara ha m.to pouco preço todo ho dinheiro que ouver mister sem fazer tam fraquos partidos de sua fazenda como mãda fazer em vender retros ha doze por c.to nem tomar dinheiro pera as feiras de Castello (Branco?) çessara tamanho mal como he tomar se aguora... ha doze por c.to de hua feira pera a outra ho q tudo (?)... fim avendo dinheiro no Reino ho qual hao presente não... aver senão cõ se alevãtarem has moedas.

Alem do atras ditto V. A. sera lembrado que eu lhe dixe estando nas casas do governador q nenhu remedeo tinha péra se de todo poder desempenhar

e pagar suas dividas que com abaixar ha pimenta... alevantar has moedas hao q V. A. não deu orelhas, da qual opiniam ainda estou e he negoçio q se avia de trazer de longe e com m.^to segredo tanto q avendo se de fazer ha mão direita de V. A. ho não avia de dizer a esquerda porque sabendo se todo ho trabalho que se nisso tivesse tomado seria baldio e de pouco valor.

Nosso Sôr acreçente hos dias de vida ha V. A. cõ muito descanso e prosperidade de todos seus reinos e senhorios. — Damiam de Goes

Arquivo da Tôrre do Tombo, gaveta 22, maço 4, doc. 2. (Publicada pelo dr. António Baião, in «Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa», vol. I, pág. 33).

XI

AO MVITO ILLUSTRE SENHOR DOM FRANCISCO DE SOVSA, CONDE DO VIMIOSO, DAMIAM DE GOES MANDA SAVDE

Sôr

Deseiando continoamente gratificar em parte, o amor, e liberalidade d'animo que em vossa senhoria sempre achei: presopus lhe mandar algum escudo, e defensa contra a velhice, por ver segundo curso natural lhe estar iaa vizinha ao extremo da booa, e viril idade. Do que ainda que bem pordêra nã quis ser fabricador, contentando-me antes seguir Marco Tullio Ciceram, o qual nã temeo tralladar de verbo a verbo em suas obras muytas

sentenças, e dictos de philosophos, que com engano mostrar, querer de nouo compor algũa cousa daquellas, que iaa per tantos, e tam diuinos Authores sam em todallas partes da philosophia escriptas, como muytas pesoas cobiçosas de gloria fazem, remendando, e repeçando dictos, e sentenças furtadas de hũa, e d'outra parte, ordenadas sem arteficio rhetorico, nẽ dialectico, a memoria das quaes obras iuntamente perece com a vida de seus scriptores, e muytas vezes antes, e pella mor parte na mesma hora que sam lidas. O que certo nam fizêram se s'aconselhârã c'o mesmo Ciceram, ou con sam Hieronymo, os quaes mostrã asaz, ser igual, e mayor gloria a do bõ traballador daquella que se deue ao bom compositor. Que he comum opiniam de todollos antigos, e modernos sabedôres. Nẽ deixarei de recitar o que daquelle prudentissimo, e grauissimo Erasmo Roterodamo neste nosso aureo, e doctissimo seculo principe de toda doctrina, e eloquencia, sobr'este negocio algũas vezes, iuntamente com outras muytas sanctissimas confabulações (per spaço de cinquo meses que com elle em Friburgo de Brisgoia [57] pousei) entre noos passadas ouvi. Afirmaua nã ter achada no estudo cousa mais ardua que tralladar, nem digna de moor louuor fazendo-se bem, nem pello contrario de moor reprehẽsam. Que cousa

---

[57] Friburgo de Brisgau, no antigo grã-ducado de Bade.

dizia pode ser de moor gloria, que amostrar aos Latinos em sua propria lingua, a elegancia, e prudencia græga? e aos Grægos a latina? E assi das outras linguagens. Nem que cousa mais abominavel, que o calumniar das linguas, declarando-as sem o sabor, doçura, e doctrina que nellas ha? o que tudo cõsiderando sem nenhum medo de empostura, ou talho de linguas ociosas, e prontas a lançar notas sem iuizo, determinei lhe poor em nossa vulgar linguagem este liuro de cõfortos da velhice. Pello qual, e per cuias sentẽças darêmos as graças a Platam, e a Marco Tullio pello artefício, e polida ordem que em no tirar, e colligir quasi todo de verbo a verbo das obras do dicto philosopho teue. O que ousei cometer confiando leuarẽ-me em conta sua doctrina, e moderaçam, todo erro que na policia, e ornamẽto de nossa linguagem portuguesa nelle cometer. Visto que em dezaseis annos (da força e frol de minha idade) quatro meses soomentes quis minha sorte estar nesses Reinos, e corte lugar de minha honra, e criaçam, o que m'enueiando a fortuna logo me dahy rechaçou. A qual longueza de tempo (principalmente misturada com tantos, e tam varios generos de linguas, e costumes) he asaz suficiente, nã tam soomentes a homẽ ser barbaro em sua lingua, mas ainda, a de todo a esquecer. Nem menos arrecei vsar com vossa senhoria a mesma licença vsada per Ciceram com Tito, o qual por na lingua græga exceller todollos Ro-

manos, tinha appellido d'Attico, a quem dedicou este liuro, tirado como iaa dixe da fonte da lingua græga, que foi Plato. O que fez nam iaa por Tito nã poder per sim alcançar naquella linguagem o mesmo, e mais que Marco Tullio, mas pera que aquelles que nella nam erã instituidos, per sua authoridade que era grande, a quem s'o liuro enderẽçaua, com moor diligencia, e estudo o lessem, pera que assi lendo, recebessem fructu, e proveito de tam diuina obra. A qual bem oulhada, e con diuido iuizo, e prudencia lida, e considerada, nã soomentes non duuidaria os trabalhos, e miserias desta vida nos sêrem muim leues, e doces de soportar, mas ainda poderia prometer, e affirmar que o extremo della, per longo que fosse nos trouxesse comsiguo muyto moores gostos, e contentamentos, do que o em sim tiueram todallas outras Idades, bem, e virtuosamente passadas.

(Publ. na trad. do tratado *Da Velhice*, por Góis, 2.ª ed., Lisboa, 1845).

XII

MEMORIAL DIRIGIDO AOS INQUISIDORES DE LISBOA, A CONTESTAR AS ACUSAÇÕES FEITAS PELAS TESTEMUNHAS QUE DEPUSERAM NO PROCESSO

Senhores. — Peço a Vossas Mercês pelas cinco chagas de Nosso Salvador e Senhor Jesu Christo que me despachem, pois o meu negocio está con-

cluso: e eu estou preso passa já de nove meses com muita perda e detrimento da minha honra e fazenda e sobre lxx *(setenta)* annos de idade mui mal disposto: e emtanto que quasi não tenho já forças para me poder soster sobellas pernas, e tão cheio de usagre, e sarna por todo o corpo que me falta pouco para me julgarem por leproso.

Peço a Vossas Merces que ácerca do que contra mim testemunhou Mestre Simão [58] tenhão duas considerações: a uma da má vontade que me tinha pelos reportes (como já lhes disse) que de mim fez a Mestre Ignacio [59], auctor da regra dos Irmãos da Companhia do nome de Jesus, pelos quaes foi reprehendido: e o dito Mestre Ignacio veio de Veneza a Padua a se desculpar de mim, onde pousou em minha casa com alguns irmãos da sua regra: a outra, é que o dito Mestre Simão chegando eu á cidade de Evora meado do mez de agosto do anno de 1545, logo no de Setembro do mesmo anno testemunhou contra mim, a qual pressa como se claramente vê foi para me estorvar o bem para que era chamado por cartas de ElRei, que sancta gloria haja [60] e da Rainha Nossa Senhora [61] para ser mestre e guarda roupa do Principe Dom João, que Sancta Gloria haja,

---

(58) O P.e Simão Rodrigues, S. J.

(59) Inácio de Loiola, fundador da Companhia de Jesus.

(60) D. João III.

(61) D. Catarina, viúva de D. João III.

pai d'ElRei Nosso Senhor ([62]), como foi publica voz e fama, do qual senhor Principe elle era mestre de doutrina e pretenderia (segundo se póde suspeitar) a ficar tambem por seu mestre das letras, o que não alcançou, e o que me estorvou a mim se deu a Antonio Pinheiro Bispo que agora é de Miranda, pelo que a seu testemunho se não deve de dar fé.

Quanto a segunda testemunha que testemunhou aos IX dias de Abril de mil quinhentos e settenta e um ([63]), que diz que diguo eu mal dos prelados e clerigos e religiosos e dos Irmãos da Companhia, diz verdade, mas eu não diguo nem dixe mal senão dos que vivem mal, e não guardam suas regras e institutos, que é cousa comua fazer toda a pessoa; e de dizer que ha muitas seitas de lutheranos, assi ho he, mas eu não approvo nenhuma, mas antes me aborreço e muito, e do que a mesma testemunha diz entenderão vossas mercês ser eu imiguo d'estas seitas, deixe eu, que cegueira é a destes homens estando a verdade tam clara, e pois eu isto diguo, catholico sou, e não lutherano.

Quanto a terceira testemunha, que jurou a hos vinte e nove dias do mez de Junho do mesmo anno, ([64]), da carne de porquo que comi em hum

([62]) D. Sebastião.

([63]) Luís de Castro, genro de Damião de Góis.

([64]) D. Briolanja de Macedo, mulher de António Gomes de Carvalho e sobrinha do cronista.

dia de sabado, estando em companhia eu juro outra vez a hos santos Evangelhos, e pello habito que recebi que de tal cousa me não lembro, e que se me lembrasse que ho dizia, e se ho não dixesse confundido seja diante do throno de Deus ante cujo conspecto estamos todos, mas quem eu suspeito que deu este testemunho he tal que se elle mesmo ho não deu, não lhe faltaria quem pera amor delle ho desse porque companhias communica elle que por pouco preço dirão muitas falsidades, comtudo declarou o dicto testemunha não me vira nunqua fazer cousa que não fosse de catholico christão, que he sinal de minha limpesa dizer meu adversario bem de mim, no mesmo testemunho em que me accusa.

peço a vossas mercês que me dêem licença para escrever uma carta ao Cardeal [65], e ha mandar a meu sobrinho Damiam Borges para que lh'a dê.

lhes peço que me deixem falar com meu filho Ambrosio de Goes para saber de minha familia, negocios, e fazenda, do qual ha tres mezes que não tenho carta, do que estou muito triste, e sobretudo, por ser requerido, per caso de huma demanda, que o dito meu filho, depois d'eu ser preso, e meu genrro Luiz de Castro trazem cousa muito fóra da minha arte.

---

[65] O Cardeal Infante D. Henrique, futuro rei de Portugal.

peço-lhes que me mandem emprestar hum livro em latim para ler qual lhes parecer porque estou apodrecendo de ociosidade e com o lêr se me passam muitos pensamentos.

outra vez peço a vossas mercês pella paixam de nosso senhor Jesus Christo, que me despachem com brevidade, como me tem dito muitas veses que ho farião, porque nem elles nem hó cardeal devem de querer, que morra eu nesta prisam, e sua Alteza deve de respeitar a meus serviços e idade, o que tudo está em mãos de vossas Mercês, e Reporte que lhe diso feserem a quem o senhor Deus tenha sempre em sua guarda, lembrando-se *quod universo viæ Domini misericordia et veritas.* Servidor de Vossas Mercês. — Damiam de Goes.

Processo, fol. 96 e 96 v° (Publicado por Guilherme Henriques, in *ob. cit.*, vol. II, pág. 69).

XIII

MEMORIAL PARA OS INQUISIDORES

M^to^ illustres e reuerendos sõres Inquisidores.

Diz damiam de goes q despois de o trazerem a esta prisão, elle de sua propria vontade sem lh'o vossas mercês perguntarem, lhes fez um breve discurso de suas peregrinações em que declarou que no anno de mil quinhentos e trinta e um, indo da côrte d'ElRei de Dinamarca para a d'Elrei de Polonia, passára pela Universidade de Witemberg,

onde então residia Martim Luthero, e Felipe Melanchthon homens condenados por herejes, e falou com elles e comera e bebera; onde estivera dois dias, e que assi neste mesmo anno, como em outros adiante, vira e fallara, e comera e bebera com outros hereges per transito, sem delles ouvir lições, nem frequentar suas escolas, como consta pelos autos de sua confissão: e por que elle não vio estes homens com tenção de tomar nada de suas opiniões por lhes aborrecerem muito, senão por curiosidade, assim como têem feito outros muitos catholicos da Europa, parece que elle não caiu em erro, nem culpa porque se lhe possa dar castigo.

Item = Declarou de sua livre vontade, sem lhe ser perguntado, que sendo chamado por El-Rei que sam gloria haja no anno de mil e quinhentos e trinta e tres para se delle servir, de Thesoureiro do dinheiro da Casa da India, passara por Paris onde hum Padre Pregador dos principaes da ordem de S. Francisco, por nome Frei Roque de Almeida, homem mui docto nas tres lingoas, lhe descobrio em segredo que desejava muito de ir estudar dois ou tres annos á Universidade de Witemberg, para ouvir Luthero e Phelipe Melanchthon, para que com suas proprias armas podesse depois confutar suas opiniões, e lhes fazer a guerra, e que pois estava resoluto nisso, lhe pedia que lhe desse huma carta d'encommenda para Melanchthon para com ella ter com elle en-

trada: a qual carta lhe eu dei por me elle importunar muito (sem ter mais noticia do dicto Melanchthon, que de dois dias que estivera em Witemberg) o que fiz, parecendo-me que fazia nisso serviço a Deus, por este padre ser homem que com suas pregações podia fazer muito fructo na Igreja de Deus, pelo qual erro se se pode chamar isso, pedi perdão, como consta pelos autos.

Item = Declarei que estando em Padua estudando nos annos de mil quinhentos e trinta e quatro, até ao de mil quinhentos e trinta oito, m'escrevera o Cardeal Jacobo Sadoleto, Bispo de Carpentras, homẽ doctissimo, uma carta, mandando-me outra pera Phelipe Melanchthon, á tenção que poderiamos trazer este homem ao suave jugo da Igreja Romana: a qual carta com outra minha lhe eu mandei por via de mercadores allemães residentes em Veneza: e porque o effeito destas cartas foi todo a bom fim, parece que não ha nesta parte erro porque se mereça castigar.

Item = Confessei de minha livre vontade, que estando em Flandres para onde fui para Escrivão da Feitoria, no anno de mil quinhentos e vinte e tres, sendo eu de idade de vinte e um annos, logo de começo, sendo eu muito moço, de ouvir muitas vezes fallar e praticar nas opiniões dos lutheranos que é lá pratica commum entre homens e mulheres viera a cair em um erro, de me parecer que as Indulgencias do Papa aproveitavão pera pouco, mas que deste erro me tirara depois que começara

de estudar, e me confessara delle, e na mesa pedi delle perdão, e a prova de eu ser muito fóra desta errada opinião, é ser eu confrade da Casa do Spirito Santo de Alemquer, e do Santo Spirito de Alcaçova desta cidade, e de S. Amaro, e gosar por isso dos perdões e Indulgencias destas casas que per suas bullas tem mui grandes.

Item = Confessei de minha propria vontade que andara depois de ser em Flandres com tacito e occulto pensamento, sem disso nunca dar conta a ninguem, que a confissão auricular não era necessaria e que abastava a geral, diante de Deus, mas que depois que mettera a mão na verdadeira chaue de meus estudos me tirára de todo desta opiniam, e me confessara deste pecado em Padua, mas que posto que eu andasse nesta tal opiniam, nem por isso deixava de me confessar particularmente a meus confessores, e de tomar o veneravel sacramento e o mesmo fazia fazer a todolos de minha casa, e do erro, que nisto houve pedi na mesa perdam a vossas mercês.

Item = Depois que vim a Portugal no anno de mil quinhentos e trinta e tres, chamado pera o officio de thesoureiro da Casa da India, El-Rei que santa gloria haja, e os Infantes seus Irmãos, e outros senhores do Reino, me perguntarao com muito gosto, e mui particularmente pelo discurso de minhas perigrinações, fallando-me em Luthero e nas cousas de Allemanha, Reis, e principes della, e por El-Rei que santa gloria haja saber que

vira eu já Erasmo Rotherodamo e que eramos amigos me perguntou per algũas vezes se o poderia eu fazer vir a este Regno pera se delle servir e isto a tençam de ho ter em Coimbra, onde já tinha ordenado de fazer os estudos que fez, ao que lhe respondi o que me disso parecia: o que tudo visto e considerado, e como todas estas cousas passaram por mim, passa já de trinta e cinco, e quási quarenta annos algumas dellas, que no libello que contra mim poz o Promotor da Santa Inquisição, não devia de ter lugar, as quaes todas elle poz tiradas da minha confissão, dizendo-me Vossas Mercês que confessando a verdade não poriam libello, e que tudo se converteria em misericordia: mas o libello vi e a misericordia estou esperando.

Item = No ditto libello vem dizendo o promotor que por serem mortos estes hereges, e os eu não poder communicar por cartas, que os communicava com ler seus livros: eu livros de hereges que toquem as cousas da fé não os tenho que m'alembre; e se alguns se acharem entre os meus serão de authores historicos, os quaes eu tenho para me aproveitar delles nas cousas que screvo, e de per neglicencia não ter pedido pera isso licença, pedi na mesa perdão a vossas mercês.

Item = Do que o promotor diz no seu libello, que provará que eu quiz persuadir a algumas pessoas que a errada seita de Luthero era boa, e especialmente a uma pessoa da tal companhia, a

isso respondi que tal coisa não passou por mim nunca, e quem tal testemunha deu cõtra mim deve de ser castigada de pena talionis.

Item = Do que o promotor diz, que eu dissera que a nação dos allemães era melhor acondicionada, que a portugueza, eu tal coisa não disse; quero bem a todos los estrangeiros porque fui perigrino em muitas terras, e achei sempre nelles muito boa companhia: e de dizer que as cidades d'Allemanha assi catholicas como lutheranas tem melhor policia que as nossas, assi o disse muitas vezes e digo, e se fôr necessario dar disto as razões as darei: mas como isto seja cousa que não toque á fé, nem seja da instancia desta sagrada mesa, não trato mais d'ella, nem o promotor tinha necessidade de a pôr no libello.

Item = Do demais dos artigos da fé, per que me vossas mercês perguntaram mui particularmente, e com muito rigor, e dos Institutos, da Igraja Romana, cujo obediente filho eu sou, respondi de calidade, e com muita verdade, de maneira que quem diser que que (*sic*) eu não sou catholico christão não dirá verdade, e nesta parte me remetto ao que tenho confessado, como consta pelos autos.

Item = Depois de eu vir a este Regno no anno de mil e quinhentos e trinta e tres, como já tenho dito, por me El-Rei que santa gloria haja não querer escusar do officio de Thesoureiro da Casa da India, de que a Rainha nossa senhora, e o Car-

deal são boas testemunhas, eu me fui desta cidade de Lisboa em Romaria a Santiago de Galliza, donde escrevi uma carta ao dito Senhor, que sua Alteza tomou bem, e com ferventissimo desejo dos estudos me fui dahi caminho de Allemanha, onde fui hospede de Erasmo Rotherodamo quatro ou cinco mezes, o qual entam morava na Universidade de Friburgo de brisgoia, universidade e cidade catholica do senhorio da casa d'Austria: e dahi me fui aos estudos de Padua, do senhorio de Veneza, onde residi quatro ou cinco annos e de ahi me tornei a Frandes, onde com licença d'El-Rei que sancta gloria haja, me casei no condado de Hollanda; o qual senhor no anno de mil quinhentos e quarenta e cinco, e assi a Rainha Nossa Senhora me mandarão chamar per suas cartas, escrevendo-me que me viesse logo a este Reino com minha mulher, casa e filhos, porque era pera se de mim servirem: o que logo fiz com muita diligencia, vindo eu pela posta, e minha mulher per jornadas, e minha casa casa *(sic)* é filhos per mar, no que despendi mais de mil e quinhentos cruzados: ao que se Suas Altezas se não moverão se não com saberem que era eu muito catholico christão com toda minha casa; pelo que todalas cousas que por mim passarão até este anno de mil quinhentos e quarenta e cinco, parece que não devem de ter vigor, nem serem sufficientes pera por ellas me trazerem a esta prisão, nem por ellas me accusarem, nem condenarem.

E isto seja quanto ao que toqua o Promotor no seu primeiro libello: no qual não poem mais de sua casa senão dizer, que em uma companhia queria eu dar a entender que a seita lutherana era boa, e que assi o queria persuadir a uma certa pessoa particularmente, o que he falso como o declarei na confissão que fiz a vossas mercês.

Item = Diz o dito Damiam de Goes, que depois de dado este primeiro libello, que vossa *(sic)* mercês lhe darão per vezes a entender que o despacharião com brevidade, e que n'isto o detiverão por espaço de dois mezes e meio, no cabo dos quaes em logar de despacho, lhe veio o dito promotor com outro libello dizendo, que em um banquete de dia de paixão, onde elle era convidado, trouxerão á mesa um pedaço de carne de porco, da qual elle Damião de Goes comera um pouco, e tornára a comer de peixe, dizendo que o que entrava pela boca não fazia mal: cousa que lhe não lembra que passasse por elle, nem o tempo em que podesse ser, nem em que lugar :e assi o tem declarido nos autos per seu juramento, e quando isto fora não é negocio de tanta importancia, que sobelle se houvesse de fundar libello accummulativo; á huma porque elle Damião de Goes tem dispensação para comer carne, e á outra por sua idade e má disposição e antigas enfermidades de mais de trinta annos a esta parte, lhe darem per isso licença per lei natural, da qual sua má disposição dará testemunho o licenceado Alvaro

Fernandes, que ha quatorze ou quinze annos que cura em sua casa, e de dizer que o que entra pela boca não faz mal, se o elle disse não seria em desprezo dos mandamentos e constituições da Igreja Romana, e senão como cousa mui acostumada, e que anda na boca de todo genero de homem como per proverbio, que não ha regateira que se come muita fructa não diga ho tal proverbio, e assi toda outra pessoa, assi docta, como indocta, quanto mais que as cousas, ditas em convites, ut interpoculo, se dizem no ar, e no ar se devem de screver, e com elle se devem de apagar; e elle Damião de Goes se achou na Universidade de Louvain e outras partes, em banquetes de letrados assi theologos, como outros, todos catholicos, que o convidaram a suas casas, e elle a sua, nos quaes banquetes como se la costuma, se convidam os homens huns aos outros a beberem mais do necessario, e por companhia bebem com dizerem o mesmo proverbio, de não fazer mal o que entra pela boca, e por o dizerem não ficão por isso suspeitos da fé; da maneira que como consta pelos dois libellos que contra elle Damião de Goes poz o promotor, a accusação que se delle deu nesta sagrada mesa, não foi de mais que de o accusarem de querer dar a entender em uma certa companhia, que a errada seita de Luthero era boa, e em especial a uma pessoa particular: e que em um banquete de dia de peixe nesta cidade de Lisboa (haverá quatorze ou quinze annos) que tanto

lhe disseram vossas mercês que podia haver, trouxerão á mesa um pedaço de carne de porco assado do qual elle comera hum bocado, e tornára depois a comer de peixe, o que assi huma cousa como a outra tem declarado per seu juramento ser falso, e de tal coisa não ser lembrado; o que visto e bem considerado pede a vossas mercês que havendo respeito á sua idade, e calidade de sua pessoa, e desamparo de sua casa e filhos o despachem com brevidade e o restituam em sua honra, da qual está tam menoscabado que se vossas mercês lha não restituem, não ousará d'apparecer nem andar entre gente, e se o promotor tem mais libellos accumulativos pera vir contra elle, que o faça com brevidade, no que em tudo farão serviço a Deus, e usarão com elle supplicante da caridade e misericordia que lhe muitas vezes tem promettido, e que o dito senhor Deus nos tanto recommenda que usemos uns com os outros — Damiam de Goes.

Processo, fols. 98 a 100 v° (Publicado por Guilherme Henriques, in *ob. cit.*, vol. cit., págs. 69 e ss.)

XIV

MEMORIAL DIRIGIDO AOS INQUISIDORES

Muyto illustres e magnificos senhores Inquisidores, porque ho meu adversario e accusador (seja quem quer que for) (66) veo agora de sobre

(66) Trata-se de João Carvalho, provedor-mor das

posse com tres novos artigos contra mim todos de assaz pouca substancia, a hos quaes tenho respondido por via de meu procurador e por do que toqua a eu ter visto ir Martim lutero a cavalo, e melanchton diante delle escarapuçado, segundo elle testemunha diz, eu disse o que na verdade passa, e assi de eu ouvir sempre missa ho mesmo, e dado dysso muitas testemunhas he bom que amostre aguora por obras quam affeiçoado sou a pinturas e imagens, e quanto nestas cousas despendi, para confusão de meu falso accusador, a ho qual eu espero em Deus que dará ho paguo que costuma dar a hos que *Inique agunt supernaque* como ho diz o psalmista, mas porque, ahos taes testemunhas falsas e has que subornão para aprovarem suas maldades, se não dá logo ho castigo que merecem he a terra chea de males e pecados, como o diz o sabedor, assi que constrangido da injuria que se me faz, direi aqui ho que nunqua cuidei de dizer pello que deixadas a parte as pinturas que ainda tenho em casa declarei aqui pera minha justificação quanto conta dellas faço, e a reverencia que has tenho, e algumas que tenho dado de muito preço:

primeiramente á rainha nossa sñra mãdei no anno de 1544, estando ainda em frandes hũ liuro das horas de nossa sñra illuminado per mestre

obras de El-Rei, que em 6 de Maio de 1572 fêz um libelo cerrado contra o cronista.

symão de bruges que foi unico nesta arte, ho qual me custou mais de trezẽtos cruzados e foi avaliado neste reyno per Antonio de holanda [67] jlluminador bij[c] lta (*setecentos e cinqüenta*) cruzados e ho avaliou por lho s. a. asi mãdar.

a dita snra depois q vim a este reyno per mãos de joana vaz hũ retabollo de vulto de noso sñr jesu xpo aho natural e outro retabollo redondo da jmagem de nossa sñra cõ seu bento filho no collo, duas peças de m[to] preço e estima.

E elrei nosso sôr appresentei hũ sam sebastião de vulto de coral fino cõ seu assento de calcedonia, de quasi hũ palmo de cõprido de hũa só peça, atado cõ vergas douro a hũ grãde ramo de coral cõ suas setas douro peça muito riqua, e q s. a. tem em grãde estima.

loguo quomo vim de frandes no anno de 1545, dei a meu irmão fructos de goes que deos haia hũ retabolo grãde cõ portas cõ ha imagem de nossa sñra pintada cõ seu bento filho no collo, ha qual creo q elle deu a egreija de nossa sñra do castello de almada onde tem sua sepultura.

estando em frãdes mãdei pera ha dita egreija

---

[67] Notável iluminador holandês, pai de Francisco de Holanda que, referindo-se-lhe, diz ter sido «o primeiro que fez e achou em Portugal o fazer suave de preto e branco, muito melhor que em outra parte do mundo» *(Da Pintvra Antigva*, ed. de Joaquim de Vasconcelos, 2.ª ed., Pôrto, 1930, pág. 284). Segundo Joaquim de Vasconcelos, é «provável que nascesse entre 1490 e 1500» *(loc. cit.)*.

hua vidraça grãde cõ ha pintura da anunciaçam.

estando em frãdes muito tempo antes q viesse a este reyno, mãdei a egreija de nossa sñra da varzea da villa dalanquer hũ vulto inteiro do *Ecce homo* pintado muito deuoto que se pos em hũ altar que se chama aguora de Jesu e he cõfraria de muita deuoção: e depois que fundei na dita Egreija ha minha sepultura lhe dei hũ retabolo cõ portas da pintura de nosso sõr Jesu xpto na cruz e hũ painel da coroação grãde tudo de muito preço e estima quomo ho ja tenho declarado nos autos do meu processo.

ao nuncio monte pulesano (68) dei hũ painel da tentação de São Job e outro das tentações de sancto antão que me custarão perto de duzẽtos cruzados pintados da mão do grande jheronimo bosque (69) has quaes me mãdou cõmeter per jam lousado e jam quinoso q lhe vendesse e eu lhos mãdei em presente pello q me elle prometeo m^tos^ beneficios pera meus filhos, dos quaes ate guora não tenho visto nenhuns.

a fernão coutinho indo elle ter comiguo a frandes dei hũ retabollo pequeno de nossa sñra cõ seu bento filho no regaço descido da cruz q elle tem em m^ta^ estima.

ao secretario pº (*Pero*) dalcaçoua carneiro por

---

(68) João Ricci de Montepoliziano, arcebispo de Siponto, núncio em Portugal de 1544 a 1550.

(69) Jerónimo Bosch, pintor e gravador (+ 1500).

respeito de m^tas boas obras q delle recebi dei hũ retabollo grãde cõ portas dos tres reis magos, nascença e circumsisam peça de m^to vallia, e assi hũ retabolo pequeno de vulto de são bernardino e outro de dous velhos q estão rezãdo, de m^to artefecyo e valor.

do que tudo se pode clara e manifestamente ver, que sou eu muito devoto de imagens de devoção pois nestas que diguo, e outras que dei a diversas pessoas fóra deste Reino, e em algumas que ainda tenho em casa despendi muito e muito dinheiro, e que não havia eu de consentir que da minha despensa corresse salmoeira sobollo crucifixo que está na capella dos paços d'alcaçova desta cidade de Lisboa, e se se fez sem ho eu saber, quomo ho soubesse, se foi assi, não havia destar sem prover nisso e isto parece que deve de abastar para minha justificação, sem me mais avexarem sobre setenta annos de idade, certa criação, e seviços (*sic*) feitos á coroa destes reynos, e sempre com nome de homem que viveo bem e com honra e para não darem credito has falsidades de quem me accusa, e fez vir a este carcere, ho qual nestes tres artiguos que aguora testemunhou, mostrou bem ha grande peçonha que tem concebido contra mim porque ho não faz senão para assi alongar ho tempo de minha prisão, pello que peço a vossas mercês que me despachem com brevidade alembrando-se que muitas vezes discipat Deus consilia eorum, qui homini-

bus placent, hoje aos desaseis dias de junho de 1572, sobre quinze mezes de prisão. — Damiam de Goes.

Processo, fols. 141 a 142. (Publicado por G. Henriques, in *ob. cit.*, vol. cit., pág. 114).

XV

MEMORIAL DIRIGIDO AOS INQUISIDORES

Muito illustres e venerandos senhores. — Vossas merces movidos de fraternal charidade me fizeram huma catholica amoestação aos xxi dias deste mez de Julho de 1572, á qual com a graça de Deus responderei com ha maior brevidade, que me for possivel.

Item primeiramente do que toqua a ho erro em que andei estando em frandes, mancebo de idade de xxiii annos, de as indulgencias que o papa concede aproveitarem para pouco, he verdade que ho tal erro passou por mim, do qual ha muitos annos que me tirei, com conhecimento da verdade que he que ho papa póde dispensar has taes Indulgencias, e que somos obrigados a lhe obedecer segundo ho diz sam paulo, quod omnis homo subditos sit sublimioribus, potestatibus mas posto que andasse n'este erro, nem por isso deixei de crer ho que ha Igreija catholica tem, que ha purgatorio, lugar onde as almas fazem penitencia dos pecados, que neste mundo cometerão athe que se cumpra ho tempo de sua Remissam, para ho

abreviar do qual aproveitam diante de Deus hos sufragios dos sanctos, e ho sacrificio da missa, e esta foi sempre minha firme fé, posto que no das Indulgencias andasse errado.

Declarei que andára algum tempo com tacito pensamento que ha confissão auricular não era necessaria, do qual erro me tirei residindo em Itália, nos estudos de padua onde estive nos annos de 1534/35/36/37/38.

Item dixe que destes dois erros me confessára, e porque isto que aguora aqui escrevo, he o remate de minha justificação diante de deos, diguo que não sou bem lembrado se dos taes erros me confessei, posto que segundo ho uso da nossa sancta Egreija catholica, me confessasse nos tempos por ella ordenados, pello que arrimãdo me mais aho não ter feito, diguo minha culpa, parte da qual se pode relevar, com dizer na verdade que quando estou diante de vossas merces e me fazem perguntas, que não estou em mim tão perfeitamente quomo ho estaria se com elles praticasse e fallasse em outros hegocios fóra desta prisão, e pode ser que destes dois erros me confessasse a meus confessores ordinarios, mas como as cousas em frandres e Italia andam mas largas que qua, que me assolvessem disso mas se eu isto fiz não me alembra pola grande distancia de tempo.

Item, do que ha testemunha que contra mim testemunhou em evora no anno de 1545 quo-

mo he meu Inimigo capital [70], pelas rasões que nos autos tenho decrarado, diguo que quanto a ho que diz da pergunta que me fez da misa que elle testemunha testemunhou e dixe, ho que lha prouve, porque se elle ousara de me perguntar tal cousa, e tam falsa, eu lhe respondera quomo elle merecia, porque eu fui sempre desne a minha mocidade muito inclinado a ouvir missa, e has mandei, e mando muitas veses dizer por minha devoçam, e has tenho fundadas em alanquer cantadas, em huma capella que ahi fiz pera minha sepultura e de minha molher como ho tenho declarado nos autos.

Item, de que a dicta testemunha diz da certeza da graça e que me vio disputar sobre iso, pode ser, mas seria para suster ho que sempre cri, e creo firmemente que ha fé sem has obras he morta, quomo ho diz ho apostolo santiago e que para nos deos dar a sua graça he necesario que nós da nossa parte nos cheguemos para elle com boas obras, arrependimento e penitencia de nossos pecados, e assi ho creo.

Item, quanto a carta que dei a frei Roque dalmeida para phelippe melanchthon, vossas mercês ponhão diante de si hum padre da ordem de sam francisco dos principais della, prégador e docto nas tres linguas, posto em geolhos diante delles, como se elle poz diante de mim, e por tes-

---

[70] O P.e Simão Rodrigues, S. J.

temunho outro padre muito reverendo da mesma ordem por nome frey Jorge d'almeida ([71]), affirmando-me ambos que seu intento delle era para serviço d Deos, com ha qual rasão e outras que me deram me persuadiram ha screver a hum homem que não conhecia mais que de amisade de hum dia e meo, e ho que fiz foi tambem por ho dicto frei Roque ser cunhado de Jam de bairros ([72]) feitor que foi da casa da India hum dos mores amigos que eu tive nestes Reynos, parecendo-me que nisso fazia bem, em lhe dar ainda a occasião de aprender e saber ho que elle dizia que ia buscar.

Item, quanto ha outra carta que screvi a ho dito melanchthon a instancia do cardeal Sadoleto, já tenho declarado ho fim ha que elle e eu ho fizemos, que era para trazermos este homem a ho suave jugo da Egreija Romana, no que se houve erro peço d'elle perdão.

Item, allem do que aqui tenho dicto, que he o summo e mais substancial de todo este meu negocio, peço a vossas mercês que se veja o que tenho scripto assi em latim quomo em portuguez, para que se saiba se ha nisso alguma cousa que cheire a heresia, porque hos homes em nenhuma cousa amostrão mais ho intrinseco de seus pensamentos que no que screvem.

([71]) Personagem desconhecido.
([72]) João de Barros, o autor das «*Décadas*».

Item, disto que aqui diguo tomo deos por testemunha porque eu me tenho accusado na verdade, e declarados hos erros que commetti, e se mais tivera commetido mais declarara, e tal pesoa poderá frequentar has provincias que eu andei, e ter communicado, tam diversos engenhos de homens, quomo eu communiquei que por ventura, e sem ella não podera escapar de cair em mores erros do que ho eu fiz.

Item, peço a vossas mercês visto que não tenho mais que dizer, nem confessar que ho que nestes apontamentos diguo, e tenho declarado nos autos de minha prisão, que me despachem com brevidade, para me ir curar a minha casa, e prover no desamparo della, e poder sobre tudo entender no que cumpre ao serviço de deos, e saude de minha alma, dando-me a penitencia que lhes parecer que mereço sobre prisão de desaseis meses, com rebaterem de meus erros algum merecimento que em mim couber, se acharem que ho tenho, lembrando-se tambem da grande mesiricordia com que nosso salvador Jesus Christo perdoou ha magdalena dizendo-lhe em lugar de penitencia — Remituntur tibi pecata multa, etc e ho do filho prodigo a quem ho pai em lugar de penitencia recebeo com grande festa mandando matar huma vitella gorda para o banquetar, e assi do perdão de são pedro que ho negou e dos apostolos que o desampararam a hos quaes em lugar de penitencia deu mores privelegios depois que resurgio, dos

que lhes dantes dera, dizendo-lhes com grande favor e liberalidades, accipite spiritu sanctu et quorum Remiseritis pecata tui, e assi quomo ha sancta madre Egreija desno primeiro exordio d'ella está quomo pia madre com os braços abertos de continuo, para receber hos pecadores que se convertem com arrependimento de seus peccados e se metem debaixo de suas asas.

Nosso senhor Jesus Christo inspire em vossas mercês sua graça para que com ella se allembrem de mim e de minha má disposiçam e velhice, e me despachem com brevidade, ho qual senhor hos tenha e conserve na sua graça; a hos xxiii dias de julho de 1572 — Damiam de Goes.

Processo, fols. 147 a 148. (Publicado por G. Henriques, in *ob. cit.*, vol. cit., pág. 119).

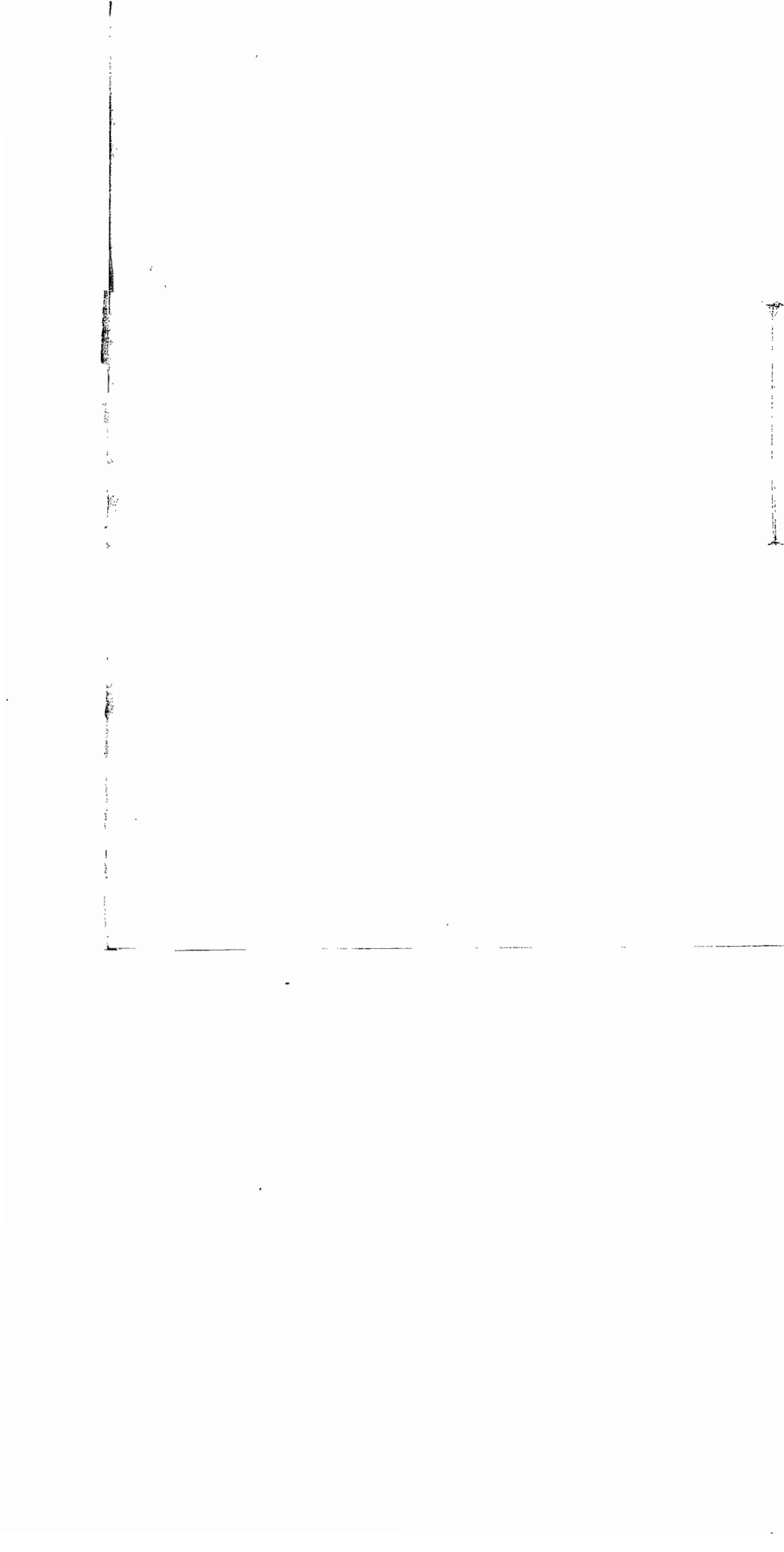
XVI

CARTA DIRIGIDA AOS INQUISIDORES

Senhores — eu estou tam mal disposto, e não de huma só doença senão de tres que são: vertiguo, rins e sarna quomo especie de lepra, que qualquer pessoa que me vir, se for proximo se movera ha piedade porque em meu corpo não ha cousa sam: tem-me vossas merces aqui preso ha ja desaseis, com lhes ter da minha livre vontade confesado hos erros em que sendo mancebo andei, e dicto quomo me delles tirei ha xxxv a qua-

renta annos, hos quaes não forão tamanhos que ainda que nelles perseverára athe o dia que me prenderão, que me não derão e concederão delles perdão, se me arrependera delles depois de preso: errado foi sancto Augostinho na heresia de pelagio, e celestino, reprehendido foi são hieronymo por ser originista, mas ambos se arrependerão con diserem que se entam forão taes, que erão já outros: presuposto que ainda que eu andasse naquelle tempo nos erros que declarei, que fui sempre catholico christão e obediente filho a sé apostolica de Roma, como sempre usar e guardar com toda minha familia seus ritos e costumes: E se por ventura me querem contar por erro haver sidoamigo de Erasmo Rotherodamo, e seu hospede quatro meses pouquo mais ou menos em friburgo de Brisgoia, cidade catholica e universidade celebre de Austria, não vejo causa porque sua amisade me deva de ser prejudicial, porque elle nunqua foi reputado, nem condemnado por herege, por que se tal fôra eu o não communicára, da boca do qual juro polla verdade que devo a meu senhor Jesu Christo, que nunca ouvi palavra nem tivemos nunqua pratica em que nelle podesse sentir senão que era muito catholico christão e inimicissimo de luthero, e de sua heresia, e assi doutros que por nossos peccados ao presente ha; ho que tudo visto peço a vossas mercês que me despachem pera que esta poucua de vida que me resta acabe em serviço de Deos, em habito eccle-

siastico, como ho tenho presoposto em minha vontade na qual espero em sua clemencia, e mesiricordia que me conserve, de cuja parte lhes peço que desta minha carta deem relação ao cardeal para que sua alteza com olhos de charidade proveja em minha soltura, ou por via de despacho ou por via de fiadores carcereiros para que me vá curar a minha casa ho que aqui não posso fazer: nosso senhor tenha suas illustres pessoas em sua guarda — hoje segunda feira xiiij de julho de 1572 — Servidor de vossas merçês — Damiam de Goes.

Processo, fol. 149. (Publicado por G. Henriques, in *ob. cit.*, vol. cit., pág. 123).

EDIÇÕES

a) *OBRAS PORTUGUESAS:*

«*Livro de Marco Tvllio Ciceram, chamado Catam maior, ou da velhice*». Veneza, 1538; Lisboa, 1845.

«*Chronica do felicissimo rei Dom Emanvel*», 4 partes. Lisboa, 1.ª e 2.ª p., 1566; 3.ª e 4.ª p., 1567; Lisboa, 1617-19; ibid. 1749; Coimbra, 1790; Lisboa, 1909-11 (Bibliotheca de Classicos Portuguezes; incompleta); Coimbra, 1926, 4 vols.

«*Chronica do Principe Dom Ioam*». Lisboa, 1567; ibid. 1724; Coimbra, 1790; ibid. 1905 (ed. de Gonçálvez Guimarãis).

b) *OBRAS LATINAS:*

«*Deploratio Lappianæ gentis*». Genevæ, 1520?; Lovanii, 1540 (com a «Fides»); Parisiis, 1541 (idem); in «Aliquot opuscula», Lovanii, 1544; in «De rebus Oceanicis» (1574), págs. 522-526; in «De Rebus Hispanicis», Coloniæ, 1602; in «Hispania Illustrata», vol. II (1603), págs. 1313-1314; in «Opvscvla» (1791), págs. 285-293.

«*Legatio magni Indorum Presbiteri Joannis ad Emmanuelem Lusitaniæ Regem*». Antuerpiæ, 1532; Dordraci, 1618.

«*Legatio Dauid Aethiopiæ Regis*». Bologne, 1533. Trad. italiana, Bologna, 1533.

«*Commentarii rervm gestarvm in India citra Gangem a Lusitanis anno 1538*». Lovanii, 1539; in «Aliquot opuscula», Lovanii, 1544 [1]; in «De rebus Ocea-

---

[1] Com o título «*Diènsis nobilissimæ Carmaniæ, seu Cambaiæ urbis oppugnatio*».

nicis» (1574), págs. 528-554; in «De Rebus Hispanicis» (1602), págs. 270-310; in «Hispania Illustrata», vol. II (1603), págs. 1319-1327; in «Opvscvla» (1791), págs. 115-150. Trad. ital. *(Avise delle cose fatte da Portoghesi nella India)*, Venezia, 1539; trad. alemã, 1540.

«*Fides, Religio Moresqve Aethiopum sub Imperio Preciosi Ioannis*». Lovanii, 1540 (com «Deploratio» e «Lappiæ descriptio»); Parisiis, 1541 (idem); in «Aliquot opusc.», Lovanii, 1544; in «De rebus Oceanicis» (1574), págs. 454-521; in «De Rebus Hispanicis» (1602), págs. 155-246; in «Hispania Illustrata», vol. II (1603), págs. 1288-1312; in «Opvscvla» (1791), (1791), págs. 162-283 (2).

«*Lappiæ descriptio*». Lovanii, 1540 (com a «Fides» e a «Deploratio»); ibid. 1541 (idem); in «Aliquot opusc.», Lovanii, 1544; in «De rebus Oceanicis» (1574), págs. 526-527; in «Hispania Illustrata», vol. II (1603), págs. 1314; in «Opvscvla» (1791), págs. 293-296.

«*Hispania*». Lovanii, 1542; in «Aliquot opusc.», Lovanii, 1544; in «De rebus Oceanicis» (1574), págs. 615-655; in «Rerum Hispanicarum», Francofurti, 1579; in «De Rebus Hispanicis» (1602), págs. 1-52; in «Hispania Illustrata», vol. I (1603), págs. 1160-1169; in «Opvscvla» (1791), págs. 49-86.

«*L. Damiani a Goes eqvitis lusitani aliqvot opvscvla*». Lovanii, 1544.

---

(2) Segundo Joaquim de Vasconcelos há ainda as duas edições seguintes, que figuravam no «*Catalogus librorum*» da Universidade de Lovaina (Lugduni apud Batavos, 1716, fol. 208):

Com o nome de «*Formulæ, & ritus usitati in Ecclesia Aethiopica*». Bruxellæ, 1550.

Com o nome de «*De Fide & moribus Aethioppum sub imperio preciosi Joannis*». Parisiis, 1641.

«De rebus ac imperio Lusitanorum». In «Aliquot opusc.», Lovanii, 1544; in «De rebus Oceanicis» (1574), págs. 554-559; in «De Rebus Hispanicis» (1602), págs. 303-310; in «Hispania Illustrata», vol. II (1603), págs. 890-891; in «Opvscvla» (1791), págs. 151-161.

«Pro Hispaniæ aduersus Munsterum defensio». In «Aliquot opusc.», Lovanii, 1544; in «De rebus Oceanicis» (1574), págs. 643-655; in «Hispania Illustrata», vol. I (1603), págs. 1169-1173; in «Opvscvla» (1791), págs. 87-105.

«Urbis Lovaniensis obsidio». Olisipone, 1546; in «Germania antiqua» (1574), vol. II, págs. 1869-1883. Trad. flamenga, Lovenweduwe, 1760.

«De bello Cambaico secundo Commentarii tres». Lovanii, 1549; in «De rebus Oceanicis» (1574), págs. 563-614; in «De Rebus Hispanicis» (1602), págs. 311-376; in «Hispania Illustrata», vol. II (1603), págs. 1329-1345; in «Opvscvla» (1791), págs. 297-376.

«Vrbis Olisiponis descriptio». Eboræ, 1554; in «De Rebus Hispanicis» (1602), págs. 55-94; in «Hispania Illustrata», vol. II (1603), págs. 879-889; in «Opvscvla» (1791), págs. 1-48. Trad. port. «Lisboa de Quinhentos», pelo P.e Raúl Machado, Lisboa, 1937.

«Epistola ad Io. Iacobum Fuggerum pro defensione Hispaniæ». In «Hispania Illustrata», vol. II (1603), págs. 827; in «Opvscvla» (1791), págs. 107-109.

II

OBRAS COM REFERÊNCIAS

ALBRECHT (Johannes) *«Vier Portugiesische Historiker: Castanheda, Barros, D'Albuquerque und Goes»*. Halle, 1915.

ALMEIDA (Fortunato de) «*Historia da Igreja em Portugal*». Vol. I, parte II (1917), págs. 126-133.

AZEVEDO (Visconde de) «*Elencho das variantes e differenças notaveis que se encontram na primeira parte da Chronica d'El-Rei D. Manoel escripta por Damião de Goes e duas vezes impressa no anno de 1566*», etc. Pôrto, 1866; Coimbra, 1912 (ed. Eug. do Canto).

BAIÃO (António) «*A Inquisição, Damião de Goes e Fernão de Oliveira julgados por ella*». In «Serões» (1906), págs. 123-135.

— «*O Chronista Damião de Goes*». In «Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa», vol. I (1919), págs. 31-62.

— «*Damião de Goes*». In «História da Literatura Portuguesa Ilustrada», de A. Forjaz de Sampaio, vol. III (1931), págs. 18-41.

BARBOSA MACHADO (Diogo de) «*Damiam de Goes*». In «Bibliotheca Lusitana», vol. I (1741), págs. 615-621.

BATAILLON (Marcel) «*Damião de Goes et Reginald Pole*». In «O Instituto», vol. 79.° (1930), págs. 21-27.

— «*Le Cosmopolitisme de Damião de Goes*». In «Revue de Littérature Comparée», vol. ? (1938).

BEAU (Albin Eduard) — *Damião de Góis. Ein Kapitel deutsch-portugiesisicher Kulturbeziehungen im 16. Jahrhundert.* In «Deutsch Evangelische Kirchenblatt f. Spanien und Portugal», vol. 14 (1940), pág. 8-10.

BELL (Aubrey F. G.) «*Portuguese Literature*» (1922), págs. 211-214; trad. port. (1931), págs. 276-281.

BOCOUS — *Damian de Goes.* In «Biographie universelle ancienne et moderne». Tom. XVII (1816), pág. 586-8.

BOURBON E MENEZES — *Damião de Góes.* In «Figuras históricas de Portugal» (1933), pág. 29-30.

BRAGA (Theophilo) «*Os Humanistas e a reforma da*

Universidade (1521-37)». In «Historia da Universidade de Coimbra», vol. I (1892), págs. 374-379.

— «*Damião de Goes*». In «Historia da Literatura Portuguesa», vol. II (1914), págs. 618-645.

CANTO (Eugénio do) «*Aditamento á reproducção do Elencho das Variantes e differenças notaveis*», etc. Coimbra, 1913.

CASTELLO BRANCO (Camillo) «*O desastrado fim de Damião de Goes*». In «Noites de Insomnia», n.º 11 (1874), págs. 22-43.

— «*Curso de Historia da Litteratura Portugueza*» (1876), págs. 309-322.

«*Catalogo dos Autores e obras*», etc. In «Diccionario», de Pedro José da Fonseca, vol. I (1793), págs. CXIX-CXXI.

COSTA (Claudio Adriano da) «*Memoria sobre Portugal e Hespanha*». Lisboa, 1856, págs. 159.

CIDADE (Hernani) «*Damião de Goes e a historiografia crítica*». In «Lições sôbre a cultura e a literatura portuguesas», vol. 1.º (1933), págs. 159-168.

«*Damião de Goes*». In «Retratos e Elogios dos Varoens e Donas» (1817), n.º 50.

COELHO DE MAGALHÃES (Alfredo) «*Elementos para o estudo da litteratura nacional nos lyceus (sec. XII a XVII)*». (1913), págs. 75-81.

DENIS (Ferdinand) «*Nouvelle Biographie Générale*» (1857), s. v. «Goes».

FERREIRA (Joaquim) — *Damião de Góis*. In «História da Literatura Portuguesa», (1939), pág. 460-3.

FIGUEIREDO (Fidelino de) «*Historia da Litteratura Classica*». Lisboa 1917, págs. 264-274.

— «*Estudos de Litteratura*». 3.ª série, Lisboa, 1921, págs. 37-39.

FRANCO (Chagas) «*Iniciação Literária*», de Emílio Faguet. Trad. port. 2.ª ed., Lisboa, 1916, págs. 141-142.

FREITAS BRANCO (Luís de) «*Musica e Instrumentos*». In «A Questão Iberica» (1916), págs. 131-136.

GRAÇA BARRETO (J. A. de) «*Damião de Goes*». In «O Occidente», vol. II (1879), págs. 62; 78-79; 86; 107.

H. «*Damião de Goes*». In «Diccionario universal de Educação e ensino», de E. M. Campagne, trad. port. vol. II (1886), págs. 227-228.

HENRIQUES (Guilherme J. C.) «*Ineditos Goesianos*». Lisboa, 1896-1898. 2 vols.

— «*Damião de Goes*». In «O Occidente», vol. XXV (1902), págs. 42-46.

— «*A Bibliographia Goesiana*». In «Boletim da Sociedade de Bibliophilos Barbosa Machado», n.° 2 (1910), págs. 77-112; n.° 3, págs. 183-211; sep. Lisboa, 1911.

KOPKE (Diogo) (?) «*Damião de Goes*». In «Museu Portuense» (1839), págs. 2-4; 21-22.

LEMOS (Maximiano de) «*Damião de Goes*». In «Revista de Historia», vol. IX (1920), págs. 5-19; 208-226; vol. X (1921), págs. 41-66; vol. XI (1922), págs. 39-68.

LOISEAU (A.) «*Histoire de la littérature portugaise*». Paris, 1886, págs. 256-259.

LOPES DE MENDONÇA (A. P.) «*Damião de Goes e a Inquisição de Portugal*». In «Annaes das Sciencias e Lettras», vol. II (1858), págs. 193-226; 257-283; 321-358; 385-440. Sep. Lisboa, 1859. (Veja ref.ª de I. F. Silveira da Motta, in «Archivo Universal», vol. II (1859), págs. 118-120).

MAURÍCIO (Domingos) «*Damião de Goes e a Inquisição*». In «Brotéria», vol. XXVI (1938), págs. 186-192.

MENDES DOS REMÉDIOS «*História da literatura portuguesa*». 6.ª ed., Coimbra, 1930, págs. 183-184.

MENÉNDEZ Y PELAYO (M.) «*El Erasmismo em Portugal. Damian de Goes*». In «Historia de los Heterodoxos Españoles», vol. I (1881), págs. 129-148.

MOREIRA (Eduardo) «*O Erasmo Português*». In «Revista de Historia» (1915), págs. 348-353.

«*Notice sur les rapports d'Érasme avec Damien de Goès*». In «Annuaire de l'Université Catholique de Louvain», vol. XVII (1853), págs. 273; ed. de Eugenio do Canto, Lisboa, 1912.

PEREIRA (Firmino) «*Damião de Goes*». In «Encyclopedia Portugueza Illustrada», de Maximiano de Lemos, vol. V (s/d), págs. 291-292.

PEREIRA (Gabriel) «*Prologo*». In «Cronica d'el Rei D. Manuel», vol. I (1909), págs. 5-10.

PINHEIRO (Bernardino) «*Damião de Goes*». In «Amores d'um Visionario», vol. I (1874), págs. 143-161.

PINTO DE SOUSA (José Carlos) — *Damião de Goes*. In «Bibliotheca historica de Portugal». Nova Edição (1801), pág. 106-7.

Portugal. Diccionario historico, etc. Vol. III. Lisboa. 1907, pág. 753-5.

PRESTAGE (Edgar) «*Critica contemporanea á Chronica de D. Manuel de Damião de Goes MS do Museu Britannico*». In «Archivo Historico Portuguez», vol. IX (1914), págs. 379-401.

SAM PAYO (J. de) «*Damião de Góis e a Inquisição*». In «O Diabo» de 31-1-1938.

SAMPAYO RIBEIRO (Mario de) «*Damião de Goes na Livraria Real da Música*». Lisboa, 1935.

SIMÕES DIAS (José) «*Curso elementar de litteratura portuguesa*». 7.ª ed. Pôrto, 1892, págs. 194-196.

SILVA (Innocencio Francisco da) «*Diccionario Bibliographico Portuguez*», tom. II (1859), págs. 123-125; tom. IX (1870), págs. 102-104.

SOUSA VITERBO (F. M. de) «*Damião de Goes e D. Antonio Pinheiro*». In «O Instituto», vol. XLII (1895), págs.431-449. Sep. Coimbra, 1895.

— «*Estudos sobre Damião de Goes*». *Segunda serie* (continuação do anterior). In ibid. vol. XLVI (1899),

págs. 427 e ss.; vol. XLVII (1900), págs. 50 e ss.; sep. Coimbra, 1900.
VASCONCELOS (Joaquim de) «*Os Musicos Portugueses*» (1870), págs. 121-125.
— «*Goesiana*». In «Archeologia Artistica», n.° 7 (1879).
— «*A Cabeça de Damião de Goes*». In «A Actualidade» (1879), n.° 225 e 226. Reimp. in «Damião de Goes» (1897), págs. 37-49.
— «*Damião de Goes*». *1501-72.* In «A Renascença» (1879), págs. 133-143. Reimp. in «Damião de Goes» (1879), págs. 1-33.
— «*Renascença Portugueza... Goësiana. As variantes das chronicas*». Pôrto, 1881. Reimp. por E. do Canto, Coimbra, 1913.
— «*Plutarcho Portuguez*». 1881.
— «*Damião de Goes... Novos Estudos*». Pôrto, 1897.
— «*As Cartas latinas de Damião de Goes*». In «O Instituto», vol. XLVIII (1901), págs. 55-71.
— «*Damião de Goes*» *(Novissima serie)*. Lisboa, 1898.
— «*O retrato de Damião de Góis por Alberto Dürer*». In «Lvsitania», vol. I (1924), págs. 315-320.
VIDAL (E. A.) «*Damião de Goes*». In «Archivo Pittoresco», vol. IX (1866), págs. 293-294; 307-309.
«*Vita Damiani a Goes eqvitis lvsitani, e scriptis eivs potissimvm collecta*». In «Hispania Illustrata», vol. II (1603), págs. 823-825; in «Opvscvla» (1791), págs. I-XI.

ÍNDICE